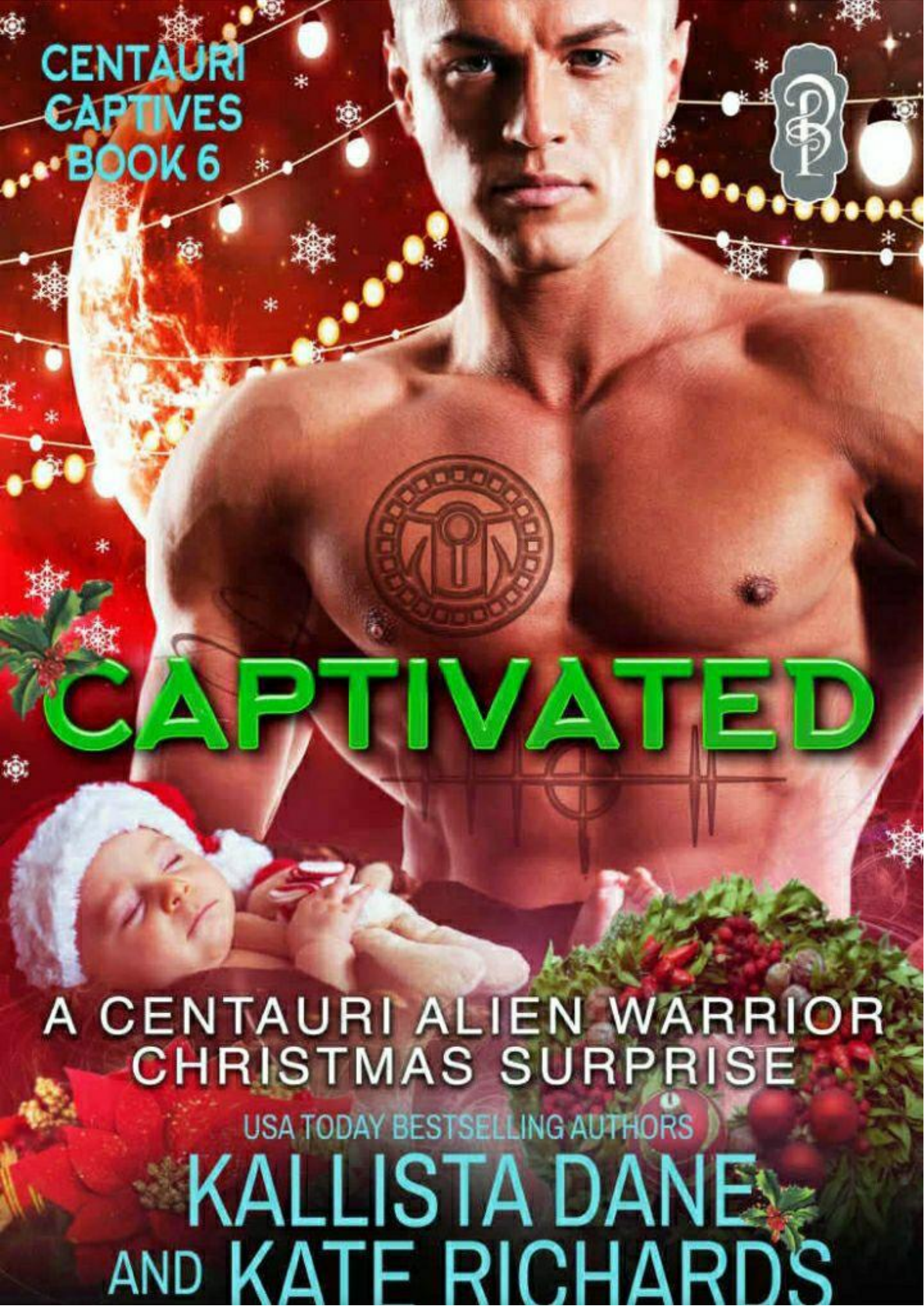

CENTAURI
CAPTIVES
BOOK 6
CAPTIVATED
A CENTAURI ALIEN WARRIOR
CHRISTMAS SURPRISE
USA TODAY BESTSELLING AUTHORS
KALLISTA DANE
AND KATE RICHARDS

CENTAURI CAPTIVES

ORDEM DE LEITURA



KALLISTA DANE AND KATE RICHARDS

AVISOS

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Havoc Keepers, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer intuito de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Temos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo Havoc Keepers, sem aviso prévio e quando julgar necessário suspenderá o acesso aos livros e retirará o link de disponibilização dos mesmos. Todo aquele que tiver acesso a presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de divulgá-lo nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo Havoc Keepers de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



STAFF

Tradução: Ayanna Havoc

Revisão Inicial: Aynme Havoc

Revisão Final: Ayanna Havoc

Leitura Final: Athenna Havoc

Conferência: Lis Havoc

Ebooks: Lis Havoc

Formatação: Nana e Aysha Havoc

KALLISTA DANE
AND KATE RICHARDS

SINOPSE

Eu era um guerreiro poderoso. Temido e honrado. No controle da minha vida, e meu destino. Preparado para o fim. Até que tomei a bela humana como minha companheira.

Arythios se foi, destruído por uma força do mal. Homens, mulheres, crianças, mortos. Tudo o que resta do meu mundo, que já foi o orgulho da galáxia, é um time de guerreiros, um punhado de naves estelares e eu. O último Arconte.

Para garantir a sobrevivência de nossa raça, escolhi um das humanas que nos foi enviada como reprodutora. Uma virgem tímida com fantasias secretas vergonhosamente perversas que despertaram meus próprios desejos sombrios. Uma fome que pensei que já havia passado. Eu estava determinado a dominá-la com disciplina severa. Em vez disso, ela capturou meu coração.

Agora, as regras de combate mudaram. As apostas são mais altas do que nunca. Estou caçando um inimigo sem rosto determinado a destruir todos nós. Mas desta vez estou lutando por mais do que minha honra ou minha própria sobrevivência. Eu tenho uma companheira para proteger e valorizar... Com uma nova vida a caminho.

Centauri Captives é uma série romântica de ficção científica das autoras mais vendidas do USA Today, Kallista Dane e Kate Richards, com guerreiros alienígenas magistrais e mulheres cativas da Terra que eles tomam como companheiras em uma tentativa desesperada de salvar sua raça do esquecimento.

Cada livro da série é autônomo, apresentando uma forte heroína inteligente e um herói alienígena super quente em uma batalha dos sexos tão antiga, quanto o Universo. Não há trapaça, nem enganação - e você garante um romance sexy com um final feliz.



Capítulo Um

Vyraz

Ela veio em minha direção lentamente, os quadris balançando. Movendo-se em uma cadência exótica tão antiga quanto o tempo. Eu quase podia ouvir o canto baixo e sedutor, sentir a pulsação profundamente em meus nervos. Uma deusa da fertilidade Arythiana ganhando vida.

Mas as deusas da fertilidade retratadas nos pergaminhos antigos não tinham a pele tão negra quanto as pedras preciosas das cavernas de Mira-Ba.

Ela usava um vestido da cor de mel beijado pelo sol, o tecido tão puro que eu podia ver que estava nua por baixo. A cabeça inclinada, o rosto sombreado por cabelos pretos e sedosos. Eles fluíam sobre os ombros e desciam até os seios luxuriantes, cheios com mamilos vermelho escuro.

Ela parou na minha frente, tão perto que seu perfume exótico encheu meus pulmões e caiu de joelhos.

“Perdoe-me, Mestre,” disse ela. “Eu fiz algo proibido.”

Minha mente inundou com imagens eróticas. Lutei para manter minha voz severa. “O que você fez?”

“Dei prazer a mim mesma, meu senhor.” Continuou apressada, como se não tivesse coragem de continuar. “Sem a sua permissão, enquanto você estava fora. Sei que errei.”

Meu pau inchou. “Como você deu prazer a si mesma?”

Sua voz caiu para um sussurro. “Com minhas mãos.”

"Não diga," rosnei. "Mostre-me."

"Não!" Ela então me encarou, seus lindos olhos escuros arregalados. "Meu senhor, por favor. Sei que mereço ser punida. Mas, por favor... Não me obrigue fazer isso."

"Fará isso na minha frente. Agora. Ou será punida." Ignorei seu suspiro chocado. "Agora, mostre-me exatamente o que você fez."

Ela foi para a cama e deitou-se com os joelhos dobrados, as pernas abertas. O vestido suave subiu até os quadris, revelando as delicadas dobras labiais, o rosa profundo como o da concha da cor do mar que ela usava em uma fina corrente de ouro em volta do pescoço. Com uma mão, acariciou seu nó do prazer, fazendo-o inchar e crescer, enquanto um único dedo da outra mão mergulhou entre as dobras.

Ela parou. Deixou cair as mãos para os lados. "Foi o que fiz," ela murmurou.

As cabeças do meu pau se esticaram contra a calça, desesperadas para ir até onde seu dedo estava. "Você chegou ao clímax?"

Ela balançou a cabeça. "Não, mestre."

"Não?" Repetimos essa cena dezenas de vezes, mas eu nunca tinha ouvido essa resposta antes. Geralmente, ela confessava que se fez gozar. Eu ordenaria que demonstrasse, parando-a antes, para que voltasse e desse uma surra firme que me despertasse tanto quanto a ela. Era o nosso método favorito de preliminares. "Por que não?"

Minha adorável companheira parecia que estava prestes a chorar. "Não consegui. Não mais. Minha barriga é tão grande que não consigo chegar lá embaixo... Para fazer direito. Estou

gorda. Gorda e feia... Feia." A represa estourou e ela se dissolveu em soluços de tirar o fôlego.

"Não, não, não! Minha marinheira, meu amor." Joguei-me ao lado dela na cama e a peguei em meus braços. "Você não está gorda. E nunca pareceu mais bonita em minha opinião. Você é vibrante e linda, e está trazendo uma nova vida a este mundo." Abaixei minha cabeça e beijei a protuberância crescente. "Nosso bebê."

"Minhas costas doem. Meus pés doem. Estou cansada o tempo todo de carregar todo esse peso extra. Estou cansada de estar grávida. Quero me sentir sexy de novo!" Lamentou.

Por semanas, quase todos os dias ela me encontrou na porta praticamente nua.

Eu não estava reclamando. Minha companheira era intocada por qualquer homem antes que o líder da Terra a mandasse e as outras fêmeas humanas para nós. Mas embora fosse virgem, ela tinha fantasias perversamente eróticas. Fantasias que fiquei emocionado em trazer à vida quando ela as confessou para mim. Quanto mais eu a apresentava às realidades do prazer sensual, mais ela queria. E desde que ficou grávida, a fome de Aja por sexo cresceu tão rápido quanto o bebê que carregava.

Meu bebê. Minha descendência.

Solteirão por toda a vida, nunca pensei que seria pai de uma criança. Especialmente na minha idade. Meus desejos estavam em declínio quando os deuses julgaram oportuno trazer Aja para minha vida. Em nossa sociedade, os Arcontes não se acasalavam. Minha espécie era rara. Não escolhemos nosso modo de vida, nascemos para ele. Como poderosos guerreiros e santos, passamos a vida aperfeiçoando as

habilidades de batalha e estudando os pergaminhos antigos. Era nosso dever proteger nosso povo, ministrá-lo e garantir que nossas tradições e crenças Arythianas fossem mantidas vivas para as gerações futuras.

O almirante Dylos usou esse argumento para me convencer a romper com essas tradições e escolher uma das mulheres humanas como minha companheira. “Alguns dos guerreiros estão resmungando. Eles não gostam da ideia de ter filhos de espécies mistas. Mas todos te admiram. Se você estiver disposto a levar uma das alienígenas como companheira e tiver um filho com ela, é mais provável que eles aceitem a ideia. Não temos escolha, velho amigo,” continuou ele. “Sem mulheres da nossa espécie, nossa raça está fadada a morrer. Reproduzir com esses seres humanos garante que nossa linhagem continue. Seu povo precisa de você. *Eu* preciso de você.”

Depois que vi Aja em carne e osso, não precisei de mais convencimento. Os deuses a mostraram para mim em uma visão, tão eroticamente carregada que me fez desejar a mulher dos meus sonhos como uma juventude arrogante. Quando eu estava com Aja, os anos não se passaram. Senti-me forte. Viril. E constantemente com tesão. Satisfazer as necessidades da minha grávida tornou-se uma fonte sem fim de prazer.

Mas não estava preparado para as mudanças de humor. Lágrimas vieram sem aviso prévio. Em um minuto, ela alegremente planejava o redesenho de nossos aposentos para acomodar um berçário, no próximo, estaria fungando. Ou pior, soluçando incontrolavelmente. E mesmo com minha capacidade de Archon de ver dentro de sua mente, sentir o que

ela estava sentindo, ainda não havia descoberto o que poderia desencadear uma explosão.

Tinha aprendido uma coisa, no entanto. Tentativa e erro,muitos, muitos erros, admiti para mim mesmo com um estremecimento, haviam me ensinado que suas mudanças irracionais de humor não podiam ser combatidas com lógica. De fato, pareceu enfurecê-la quando apontei que o que ela estava chateada no momento não fazia sentido.

Então não tentei parar as lágrimas convencendo-a de que não engordou de repente da noite para o dia. Ou que estava feia. Em vez disso, usei uma distração que sabia que seria bem-sucedida.

“Aja, meu amor, você é mais bonita para mim hoje do que era quando coloquei os olhos em você.”

Acompanhei minhas palavras com carícias suaves em seus seios, dando atenção especial aos mamilos. Uma vez rosa brilhante, eles assumiram um tom vermelho escuro à medida que a gravidez avançava além de se tornarem mais sensíveis ao toque. Seus soluços deram lugar a pequenos gemidos quando persuadi os picos apertados.

“Eu me lembro daquele dia tão claramente,” continuei. “Os deuses me mostraram uma fêmea exótica em uma visão, uma deusa. Ela estava quase nua, com cabelos longos e brilhantes, pele negra brilhante, seios cheios e exuberantes com mamilos rosados atrevidos. Tudo que queria fazer era lamber aqueles mamilos. Desse jeito.” Abaixei a cabeça e coloquei um na boca. Passando a língua por ele.

Ela estremeceu. Chupei gentilmente e seus braços se apertaram em volta dos meus ombros.

“Então Dylos me levou para o compartimento de carga, para uma sala cheia de mulheres enviadas para nós da Terra. Vi uma cabeça de cabelos pretos brilhantes ao longe e fui direto para ela.”

Levantei a cabeça para acariciar seu pescoço e passei a palma da mão por dentro de sua perna. “E você estava lá, minha deusa, minha visão ganhando vida. Sabia naquele momento que o destino havia nos unido.”

Ela suspirou e fechou os olhos, as lágrimas, a tensão esvaindo de seu corpo. Meus dedos flutuaram até as dobras de sua vagina. Ela soltou um pequeno grito e automaticamente abriu as pernas.

“Sim, foi exatamente o que você fez,” murmurei. “Você abriu suas pernas, como a garota travessa que é e tive um vislumbre de sua boceta, da cor de uma rara concha marinha. Minhas cabeças enlouqueceram, desesperadas para se enterrar dentro dela. Mas eu ansiava por provar você primeiro.”

Deslizei e me posicionei entre suas coxas. Colocando os joelhos sobre os ombros, levantei os quadris para cima e passei a língua lentamente sobre as dobras de seda. Ela gritou e enfiou as unhas nas minhas costas.

“Sim. Amo quando você geme assim. Isso me impulsiona a levá-la mais alto e continuar até fazer você gritar.”

Mergulhei a língua, lambendo seus sucos. Ela estava ofegante agora, seus gritos sem ar vindo mais rápido. Levantei a cabeça.

“Seu perfume e seu gosto se tornaram mais fortes nos últimos meses. Ainda mais tentadores.”

Abaixei a cabeça entre suas pernas novamente e dei-lhe um beijinho. Ela ofegou.

“Você gosta disso?”

“S... Sim, mestre,” ela respirou.

“Devo fazer mais?”

“Oh, deusa, sim!”

“Diga-me por que deveria. Diga-me que você é linda,” exigi. “Bonita e sexy e...” Parei. Coloquei a língua em sua boceta. “E que você tem um gosto tão bom.”

Ela gritou novamente.

“Diga. Diga se quiser que eu continue.”

Minha companheira havia aprendido a me controlar também, no tempo em que estivemos juntos. Aprendeu que a maneira de conseguir tudo o que queria era ser adequadamente submissa.

“Sim, mestre,” murmurou, enquanto eu inclinava a cabeça novamente, passando-a sobre seu broto inchado. “Sou bonita. Você ama beijar minha boceta e meu clitóris e... Oooh, lambê-lo assim... E me foder com essas talentosas cabeças. Abrindo caminho através da minha pequena fenda apertada que está quente e molhada, doendo para ser preenchida... E, oh sim!”

Sua voz subiu quando me ajoelhei e libertei as talentosas cabeças do meu pau. Abrindo caminho uma por uma até que seu doce calor envolvesse o eixo. Acariciei-a lentamente, mas minha garota devassa precisava de mais.

“Amo o que você está fazendo e sei que está preocupado em me machucar, mas sinto falta de ter você me fodendo muito e com força. Podemos tentar uma posição diferente?”

Fodendo com ela muito e com força? Ela não era a única que sentia falta disso. “O que você quiser, meu amor,” falei enquanto saí, minha voz rouca de necessidade.

Aja rolou e correu desajeitadamente para o centro da cama. Ela pegou dois travesseiros, usando-os para amortecer a barriga enquanto se agachava de joelhos. Levantou a bunda no ar, jogou o cabelo para o lado e me olhou por cima do ombro com um sorriso travesso. “Sou linda e sexy... E você quer transar com essa buceta gostosa!”

Por trás, ela não parecia grávida e pude esquecer meu medo de ser muito pesado ou muito áspero. Tudo o que vi foram as dobras cor-de-rosa cintilantes de sua vagina e os montes gêmeos de sua doce bunda balançando em convite.

Cavando meus dedos em seus quadris a segurei em cativeiro enquanto minhas cabeças enfurecidas avançavam. Ela balançou de volta para encontrar meu impulso. Rugi e moí meus quadris nela, quando seu calor apertou ao redor do meu pau.

“Sim, foda-me, mestre!”

A peguei forte e áspero, impulsionado por seus gritos selvagens. Transando com ela como se fosse a primeira vez. Meu corpo ficou tenso e uma cabeça disparou um jato quente de porra. Meu orgasmo desencadeou o dela, e seus músculos apertaram enquanto os meus seguiram, banhando suas paredes internas em jatos rítmicos enquanto ela gritava e estremecia. Como um, quebramos todos os limites e subimos em êxtase.

“Arconte, sua presença é necessária na ponte.”

A voz desencarnada do sistema de comunicação de IA da nave veio de longe enquanto me arrastava de volta à

consciência. Caídos juntos na cama de lado, com a bunda de Aja aninhada na minha virilha e meus braços ao seu redor.

"Você tem que ir?" Seu tom era lamentoso, questionador, como se ela esperasse que eu pudesse anular a convocação.

"Sim, meu amor, preciso." Afastei seu cabelo, beijei o ponto sensível abaixo da orelha e me desenrosquei da roupa de cama. "Não, não levante. Você descansa. Volto assim que puder." Coloquei o cobertor ao seu redor. *"Se os deuses quiserem,"* acrescentei baixinho.

"Mmmm. OK." Em segundos, sua respiração estava lenta e profunda novamente.

Eu me vesti o mais silenciosamente que pude, resistindo ao desejo de puxá-la em meus braços e beijá-la mais uma vez. Um beijo cheio de muito amor, de toda paixão que está em meu coração. Mas isso seria egoísta.

Não havia necessidade de preocupá-la. Não precisava que ela soubesse que onde eu estava indo, talvez nunca voltasse.

Capítulo Dois

Aja

Eu me aconcheguei profundamente nas roupas de cama, seu teor exuberante e cores brilhantes, o trabalho de nossa especialista em design a bordo, Jess. Juntas, substituímos o interior insípido do antigo quarto de solteiro de Vyraz, um pedaço de cada vez, até que tudo o que restava a fazer era o berçário... Algo que adiei o maior tempo possível.

Mas agora, o brilho dourado de fazer amor com meu Mestre pairava grosso e doce ao meu redor, tornando me mover impossível. O Sacerdote de seu povo, respeitado e reverenciado, tinha a paciência de um santo no que me dizia respeito. Nós dois estávamos tão felizes pela gravidez, mas de alguma forma, eu nunca esperava que minhas mudanças de humor fossem tão extremas. Claro, minhas amigas na Terra me disseram que isso acontecia, junto com todos os outros sintomas que experimentei, mas se com elas foram tão graves quanto os meus, eu nunca lhes dei a simpatia e apoio que mereciam.

Meu pobre Mestre nunca sabia se eu ficaria extasiada ao sentir um chute pequeno ou preocupada com os tornozelos inchados, ou deprimida com o formato de balão deformado do meu corpo que ficava maior a cada dia. Sempre me orgulhei da minha figura elegante, zombava silenciosamente das minhas amigas que ganhavam peso se olhassem para uma loja de donuts, quando eu podia comer o que quisesse.

Agora, qualquer coisa que eu queria me dava uma azia que ameaçava chiar pela minha garganta ao sair. Felizmente, o mágico chá Arythiano ajudou não apenas com humor, mas com a azia... Se me lembrasse de tomá-lo. E a névoa cerebral dominava.

O persistente estado de excitação nunca diminuía. Eu queria sexo uma dúzia de vezes por dia, o que não é possível nem para o Arconte. Ele era mágico, mas não uma máquina. E ele tinha deveres. Não era o suficiente ser a luz brilhante de tudo o que era sagrado e bom para o pequeno e valente grupo de guerreiros que compunham o que restou de seu povo, ele também era um guerreiro por si só e um treinador habilidoso cujas técnicas não eram procuradas apenas no solport, mas nas outras naves da frota.

Desde o início da minha gravidez, o almirante Dylos havia estabelecido um decreto de que qualquer um que quisesse ou precisasse dos serviços do Arconte de alguma forma teria que obtê-los via holograma ou comparecer ao solport. Uma pequena cena no meu primeiro trimestre, que ainda me envergonhava lembrar, deixou claro que eu precisava dele ao alcance fácil para manter qualquer nível de equilíbrio.

Desde que as câmeras gravaram tudo a bordo, em algum lugar havia um vídeo meu indo atrás de Vyraz em sua nave, afogando-me em lágrimas, fungando e me despedindo várias vezes, até que eu superei tudo vomitando na frente de uma dúzia de guerreiros, três dos quais empalideceram e saíram rapidamente, provavelmente também ficaram enjoados. Meu mestre ajudou a me limpar e escoltou de volta para nossos aposentos, enquanto explicava ao capitão Mantsk que sua mulher estava doente.

Nenhuma viagem adicional foi agendada.

E apesar da humilhação da memória, não podia me arrepender. Se não soubesse melhor, juraria que nosso filho garantiu que papai ficasse por perto. Desde então, consegui manter qualquer mudança de humor dentro nossos aposentos.

Mestre sabia como me fazer sentir melhor. Às vezes, precisava uma surra para me acalmar, às vezes uma palavra gentil... Mas quase sempre terminava em sexo. Quem sabia que eu era esse tipo de garota? Fechando os olhos, o imaginei quando ouviu minha confissão de que me toquei. Supunha que todos os casais tinham seus pequenos rituais, suas próprias preliminares, mas amava os nossos. Adorei mais quando confessei que me parei em vez de me debater como uma tartaruga virada de costas, mal conseguindo alcançar minhas partes íntimas o suficiente para lavá-las e muito menos estimulá-las.

E mesmo assim ele sabia o que fazer. Meus seios, tão sensíveis que virar na cama os faziam duros, sob suas carícias e beijos, eu estava prestes a gozar antes que ele se movesse mais baixo no meu corpo. Mas quando ele desceu... Não conseguia ver além da montanha da minha barriga, mas já tinha visto a cabeça dele entre as pernas o suficiente para não ter problemas em imaginá-la. Sua língua era mágica, seus lábios eram mais do que isso, firmes e macios e tão ocupados lá embaixo. E as cabeças dele? As mulheres na Terra implorariam para vir aqui se tivessem uma ideia do que estavam perdendo. Cada cabeça encontrando seu caminho de forma independente em meu corpo para acariciar lugares que nenhum homem comum poderia conseguir, eu não tinha um amplo conhecimento para sustentar isso. Mas me ocorreu

mais de uma vez que meu corpo parecia projetado para ele. Por que ter lugares incrivelmente sensíveis se nada chegaria lá? Havia alguma conexão entre nossos povos, muito antes da história registrada?

Como poderia haver? Deveria estar agradecida por ter encontrado o homem que poderia tocar todos os sinos do meu campanário. E que, apesar de seu ar de dignidade e reserva, e a diferença de idade entre nós, que apenas ele parecia se importar e menos com o passar do tempo, poderia fazer amor comigo como tinha a certeza de que ninguém mais poderia.

No meio do caminho, quando tive a brilhante ideia de que não olhar para a minha barriga poderia lembrá-lo da minha figura anterior, ele foi em frente e enquanto eu apoiava minha barriga em alguns travesseiros e empurrava minha bunda no ar, meu Mestre me segurava pelos quadris e mergulhava mais fundo, me fodendo mais profundamente do que nunca. Não que nunca tivéssemos feito estilo cachorrinho antes, mas cada vez era sempre a melhor. Daí a mágica.

Assim, minha forma flácida se deitou na cama muito tempo depois que ele pulou e saiu ao serviço. Descansei as mãos na minha barriga, sentindo a vida dentro. Estava um pouco adiantada para um período de gestação humana, mas tão grande. Talvez nossa genética em conjunto pudesse fazer bebê um pouco mais rápido que o normal? Porque não sabia quanto mais minha pele podia esticar, mesmo com a loção que o médico inventou para me ajudar a evitar muitas marcas. Havia apenas algum espaço lá e meu Mestre era uma pessoa muito maior que eu.

E se algo estivesse errado? Em casa, haveria um hospital com todos os tipos de equipamentos para ajudar com qualquer

problema. Uma unidade de prematuros com incubadoras e enfermeiras especializadas em bebês que nascem cedo. E se estivesse chegando, mas não estivesse pronto? Afinal... Um bebê maior não demorava mais para ficar pronto?

Minha respiração ficou rápida e reconheci os sinais de algo que nunca havia experimentado antes dessa gravidez, pânico. Por causa de outra pessoa. Afinal, quem esse bebê tinha para confiar, se não eu? E eu era uma reprodutora amadora de bebês. Meu corpo tinha tudo o que o feto precisava? Meu companheiro e eu viemos de lados distantes da galáxia. Não haveria minerais ou vitaminas que ele ou ela precisaria apenas para ter braços, pernas e cabeça? Eu não gostava de algumas comidas que os arythianos pareciam amar, como aquele vegetal estranho com todos os espinhos, não conseguia lembrar o nome, mas era tão azedo. Talvez seja melhor comer um pouco, com azia ou sem.

E se o bebê não conseguir e for tudo minha culpa?

E se...

Pare! Simplesmente pare!

Se Vyraz estivesse aqui, este seria o ponto em que ele me espancaria de volta à sanidade. Mas papai estava no trabalho e mamãe tinha que agir. A histeria não poderia fazer bem ao bebê, e com certeza não estava me ajudando de forma alguma. Então me forcei a inspirar e expirar até uma contagem de cinco, algo que aprendi com a recém chegada que havia sido criada em algum tipo de templo. Kalani. Companheira de Guryon. E chamar de recém chegada era um pouco inadequada, já que todas chegamos juntas. Recém acordada.

Depois de alguns momentos de respiração cuidadosa, meu coração parou de bater nos ouvidos e o medo

diminuiu. Orgulhosa, sentei e me apoiei contra a parede, as pernas pendendo da cama. Lidarei com minha própria situação, hormônios ou não. Não podia confiar em Vyraz a todo momento. Ele era importante para o seu povo e não estava a minha disposição. Ainda assim... Gostaria que estivesse aqui. Meu traseiro estaria quente, e ele provavelmente estaria enterrado dentro de mim, e sim. De volta a isso.

O bebê me chutou com força e bati na barriga, acalmando nós dois. “Apenas seja saudável, pequenino.”

Nós, todas as outras mulheres e alienígenas a bordo do solport e de outras naves, fomos um grande experimento. Embora a equipe médica não tivesse muitos equipamentos orientados para o bebê, tinham conhecimento e treinamento e garantiram-me todos os sinais apontavam para uma gravidez bem-sucedida.

Mas se eu não fizesse algo para afastar minhas preocupações, entraria em pânico novamente em pouco tempo. Recentemente, captamos algumas transmissões da Terra, principalmente de vídeo, e como eu era do tamanho de uma baleia encalhada, não importa quantas vezes Vyraz tentasse me mostrar o contrário, decidi por algum tempo na tela até meu Mestre retornar. Então eu pularia nele... Ou vice-versa.

O computador de mão ao lado da cama estava conectado ao sistema principal, e o levantei e procurei algo leve, engraçado e divertido para assistir. Três vídeos estavam disponíveis no momento e cada um deles tinha Natal no título. Já era nessa época do ano? Era tão fácil perder o controle aqui em cima. E, é claro, com a maneira como as redes mostraram os filmes de férias, pode ser o Halloween. Mas outra

pesquisa rápida me mostrou a data da Terra. Menos de uma semana até o grande feriado.

Nunca pensei em mim como uma grande fã disso tudo. Pessoas correndo pelas lojas, gastando dinheiro que não tinham em coisas que não precisavam. Zombei enquanto fazia exatamente a mesma coisa todos os anos. Então chegou a véspera de Natal com um sentimento de paz e benevolência para todos. Droga, eu queria o Natal.

Depois de levantar, encontrei um vestido que Jess me fez com o tecido verde mais macio. Ele me envolveu sem apertar nada ou deixar desconfortável, e um momento depois, consegui usar meus pés para arrastar meus sapatos para um lugar onde pudesse calçar. Nada era mais fácil e provavelmente ficaria grávida para sempre, mas uma coisa eu sabia: tínhamos uma nave cheia de guerreiros que nunca tiveram o Natal, mas teriam um este ano.

E conhecia exatamente a pessoa para organizá-lo. Se alguém nesta nave sabia como adornar os corredores, era minha amiga Jess.

Naveguei, tudo bem, andei pelo corredor em direção a seus aposentos, uma baleia com um propósito.

La la la la la.

Capítulo Três

Vyraz

"Arconte. Obrigado por nos agraciar com a sua presença."

Ele não precisava adicionar "finalmente". Ao contrário de outros líderes que governaram Arythios no passado, o almirante Dylos aperfeiçoou a arte de expressar seu argumento com poucas palavras.

Meia dúzia de cabeças giraram em minha direção, aguardando minha resposta. Mordi a resposta sarcástica que teria dado se meu velho amigo e eu estivéssemos sozinhos e coloquei minha personalidade de "sereno e santo".

Levantando as duas mãos para o centro do meu peito, juntei-as dentro das volumosas mangas da minha túnica branca. "Bênçãos e paz para você e para todos os seres sencientes do Universo," entoei solenemente.

"E para você." Como era nosso costume, Dylos inclinou a cabeça quando deu sua resposta, mas não antes de me dar uma piscadela.

O comandante Joran não era tão sutil. "Para um homem que esteve solteiro a vida toda, Vyraz, você certamente se entregou a coisa toda de 'acasalamento'. O que aconteceu com o velho estadista que me disse que já havia superado todo desejo de foder quando o convidei a última vez para me acompanhar a uma cúpula de prazer?"

"Você escolheu uma fêmea humana semelhante a você, tanto em idade quanto em experiência, para ser sua parceira de procriação," respondi. "Posso ter ensinado você a lutar, meu jovem guerreiro, mas não ensinei tudo o que sei. Como Arconte, estudei os escritos sagrados de nossos ancestrais, para aplicá-los à minha própria vida. É claro que você nunca leu o pergaminho sagrado com conselhos sobre como reivindicar uma companheira."

"Não sabia que havia um. O que diz?"

"Você é tão velho quanto a mulher que sente."

Sua resposta foi abafada por vaias e aplausos dos outros guerreiros. O holograma de Joran agarrou seu lado. "Um golpe mortal. Boa jogada, Sacerdote." Sorrindo, me fez uma saudação falsa.

"Não sabia que era possível interromper os procedimentos tão completamente sem estar fisicamente presente," retrucou o almirante. "Se você terminou, comandante, gostaria de voltar ao assunto em questão."

Escolhi não violar a privacidade de Dylos examinando seus pensamentos, mas não era necessário ter os dons de um místico para saber que nosso líder estava profundamente perturbado.

"Minhas desculpas, Almirante." O holograma de Joran deu um passo atrás, passando diretamente pelo capitão Mantsk.

Embora ele tivesse tentado dar uma nota leve ao encontro, ficou claro que meu ex-aluno estrela também estava chateado. Normalmente, ele nunca teria cometido uma quebra tão evidente de etiqueta sem um pedido de desculpas.

Primeiro Dylos, depois Joran. Dois guerreiros normalmente imperturbáveis, ambos visivelmente perturbados.

Sentei-me na enorme laje de madeira que servia de mesa de conferência na sala de guerra. Cortado do tronco de uma antiga árvore de dibibi, o círculo irregular poderia facilmente acomodar quarenta ou cinquenta comandantes de esquadrão em torno de sua circunferência. Nossa magnífica floresta arythiana cheia de árvores de dibibi com mais de um milênio de idade já se foi. Obliterado pelo Rydek, junto com todos, exceto um punhado de comandantes sentados ao redor da mesa, apressadamente nomeados pelo almirante Dylos do único esquadrão que restou após a destruição do nosso mundo.

“Os Rydek atacaram outro planeta,” falei. Não foi uma pergunta.

Dylos assentiu. “Estamos navegando pelo caminho externo de um campo de destroços espalhados por todo esse quadrante. No início, nossa IA o identificou como um cinturão de asteroides, mas quanto mais nos aventurávamos nele, mais sinais detectávamos que os detritos não consistiam apenas em pedaços sem vida de gelo e rocha. Um mundo inteiro cheio de seres sencientes foi destruído, enviando os pedaços que permanecem arremessados pelo vazio negro do espaço.”

“Que seus espíritos estejam em repouso,” murmurei.

“Se ao menos eu fosse capaz de capturar um Rydek real,” Guryon enfureceu, “em vez da criatura defeituosa que eles mantinham como algum tipo de animal de estimação, talvez tivéssemos descoberto onde planejam atacar a tempo de parar o ataque.”

"Aprendemos muito sobre nosso inimigo com Callo, graças a sua companheira Kalani," apontei. "Longe de ser defeituoso, ele é um ser inteligente que simplesmente não possui os órgãos necessários para duplicar nossa forma de fala e audição. Sua capacidade de se comunicar com ele através de assinaturas nos levou ao nosso primeiro avanço real. Até ele descrever o método de ataque, não tínhamos ideia de como conseguiram destruir não apenas todas as formas de vida, mas também o próprio mundo. Graças à informação que ele nos deu, Larissa e eu estivemos pesquisando o uso do som como uma arma em toda a galáxia, procurando maneiras que outras espécies poderiam ter descoberto para derrotá-lo."

Há muito tempo, dei uma voz feminina ao recurso de IA do meu laboratório e a chamava de Larissa. Antes de sua gravidez se tornar tão avançada, Aja passou inúmeras horas comigo, ajudando-me a criar um programa para transcrever textos antigos. Após a destruição do nosso mundo, deixei de lado meu papel de guerreiro e usei meu dom de recordação total para recriar todos os pergaminhos frágeis que já li. Recusando-me a aceitar a ideia de que nossa raça estava destinada à extinção, prometi manter vivos nossos conhecimentos e tradições arythianas para as gerações futuras. Quando a Terra nos enviou fêmeas humanas e a primeira ficou grávida, dobrei meus esforços.

Mas, durante meses, o projeto ficou em segundo plano para um mais urgente, o de rastrear nosso inimigo. Com a ajuda de Aja como arqueóloga treinada, vasculhamos as lendas e o folclore antigos do meu povo em busca de referências a um mal sem rosto capaz de destruir um mundo inteiro e finalmente colocar um nome em nosso inimigo. De

acordo com um texto que encontramos, uma força sombria chamada Rydek viajava pelo universo por incontáveis milênios pilhando os recursos de seres incapazes de se defender de sua misteriosa e terrível arma.

"Sua habilidade e coragem em rastrear a nave Rydek e resgatar Callo dela podem acabar salvando inúmeros outros mundos, Guryon. Quando Aja viu pela primeira vez os pergaminhos sobre os Chifres da Besta, pensei que nossos ancestrais estavam tentando descrever uma arma física que perfuraria e rasgaria seu alvo. Então você experimentou ondas debilitantes de som emanando da nave Rydek. Através da capacidade de Kalani de se comunicar com Callo, ela validou a descrição de uma arma de som, trazendo à minha atenção outro conto antigo, este de um texto religioso que ela estudou durante seus anos no templo. Os muros de uma cidade terrestre chamada Jericó foram derrubados quando seus atacantes tocaram a buzina."

Olhei ao redor da sala para os rostos céticos dos guerreiros reunidos lá. "Eu sei. Chifres? No começo, também pensei que a ideia era ridícula. Eu o considerei um mito antigo ou uma alegoria. Então, enquanto vasculhava os arquivos de dados que ela baixou da Terra, Aja descobriu estudos científicos que comprovavam que enormes mamíferos oceânicos em seu mundo eram capazes de emitir sons tão poderosos que destruíam os órgãos internos de qualquer criatura com a sorte de estar a curta distância, matando-os instantaneamente."

Meu público passou de cínico para atordoado em um piscar de olhos. O almirante Dylos foi o primeiro a

responder. “Você está dizendo que *sons* destruíram o nosso mundo?”

“Estou dizendo que é possível.”

Guryon assentiu. “Ele pode estar interessado em alguma coisa, almirante. Os barulhos que ouvi vindo daquela nave Rydek...” Olhou ao redor da sala. “Estou lhe dizendo, irmãos, quase me deixaram de joelhos. Eram mais como ondas de dor do que ondas sonoras, criando agonia excruciante, pior do que qualquer ferida que eu já sofri em batalha. Não conseguia pensar, mal conseguia me mover.”

“Graças aos deuses, você conseguiu sobreviver ao ataque e retornar em segurança para nós,” respondeu Dylos. “Agora, a pergunta crucial, como combatemos uma arma que não podemos ver? Não pode explodir com uma explosão de fótons?” Ele olhou ao redor da sala. “Alguma ideia?”

Eu conhecia esses guerreiros. Eu mesmo treinei a maioria deles. Homens corajosos, estavam prontos para colocar suas vidas em risco para proteger nosso povo, embora poucos em número. Eles estavam desesperados para atacar alguém, qualquer um, para aliviar sua dor e raiva.

“Precisamos de mais tempo, almirante,” falei. “Sei que é a última coisa que vocês querem ouvir. Odeio a ideia de ficar parado impotente enquanto esse monstro se enfurece pela galáxia tanto quanto qualquer um. Mas, como você mesmo disse, não podemos combater armamentos que conhecemos pouco. Kalani está aprendendo mais a cada dia sobre o Rydek e sua arma com Callo. Acredito que o segredo para derrotar nosso inimigo esteja dentro de sua cabeça.”

“Dentro da cabeça de uma fera imunda e peluda que não pode falar ou ouvir.” Nojo escorreu da voz de Joran. “Então o

destino da galáxia está naquelas mãos magras. E você quer que a gente fique aqui sem fazer nada?"

Vi cabeças balançando a cabeça, ouvi murmúrios dos outros guerreiros. Claramente, eles precisavam de uma distração.

"Sugiro que, enquanto isso, participemos de uma série de missões de reconhecimento," declarei, como se tivesse planejado isso o tempo todo. "Tentamos rastrear o Rydek antes sem sucesso. Envie seis naves, seis comandantes por missão. Tudo em direções diferentes, todos procurando sons desta vez. Padrões incomuns de ondas sonoras, podemos rastrear de volta à sua fonte. Eu mesmo pegarei uma das naves," conclui.

Fiz a afirmação sem parar para pensar. Como Arconte, era meu dever liderar meu povo pelo exemplo. Eu tinha sido um guerreiro toda a minha vida, um companheiro por apenas alguns breves meses.

No entanto, assim que pronunciei as palavras, desejei poder recuperá-las. Verdade seja dita, eu tinha mais medo de contar a uma fêmea humana carregada de hormônios com a metade do meu tamanho que poderia dar a luz a qualquer momento, embora acreditássemos que ainda restasse algum tempo, que eu estava saindo em outra missão do que a perspectiva de estar cara a cara com o inimigo mais temível que minha raça já encontrou.

Capítulo Quatro

Aja

Do lado de fora dos aposentos de Jess, parei para recuperar o fôlego. O ambiente na nave espacial dificultava a gravidez ou todas as mulheres passaram por tudo isso? Algumas das outras também estavam grávidas, mas eu parecia estar crescendo mais rápido do que qualquer outra pessoa. Foi por causa do Arconte? Diferentes genes de um guerreiro arythiano comum? Soube que eles raramente acasalavam. Vyraz estava abrindo uma exceção a pedido de seus superiores, o que não me fez sentir fabulosa quando soube disso pela primeira vez, mas ele deixou bem claro que não se arrependia de nada. Meu Mestre passou grande parte de seu valioso tempo me provando o quanto me amava. Muito mais do que minhas amigas casadas na Terra haviam transmitido a seus companheiros.

Mas essa visita não era sobre estar grávida ou desconfortável ou como meus tornozelos pareciam grandes ameixas gordas. Essa visita foi planejada para me distrair dessas coisas. Eu estava em uma missão.

Acenei com a mão na campainha virtual e a parede se dissolveu na minha frente para revelar Jess sentada no chão, de pernas cruzadas, cercada por uma surpreendente enorme montanha de tecido. Para meu prazer, ela já tinha companhia.

“Aja!” Trina, a companheira do almirante segurava um pedaço de pano dourado sobre o braço, mas olhou para cima e me deu um sorriso enorme. “O que você acha? Meu

companheiro quer que eu tenha um vestido formal, para o caso de precisar usá-lo. Coisas diplomáticas, acho. Você gosta disso? Ou devo ficar com o mais sutil, preto básico?"

"Eu amo o dourado!" Digo a ela. "E que bom que você está aqui. Pensei que teríamos que conversar com você via holo." Entrei na sala, a parede fechando atrás de mim, e Trina colocou o tecido sobre uma cadeira e me deu um aperto e um beijo no rosto. Comecei a me sentir melhor imediatamente.

A essa altura, Jess havia se desembaraçado do espólio e se levantado. "O que há, Aja?" Ela se mudou para um abraço rápido depois que Trina abriu espaço. "Você está toda corada. É o bebê? Você está bem?"

Lutei para respirar quando o abraço da minha amiga ficou mais apertado com cada preocupação declarada, mas, finalmente, ela deu um passo para trás, me segurou no comprimento do braço e me olhou de cima a baixo. "Você com certeza parece próxima de dar a luz."

Finalmente, com ar suficiente para responder, respondi. "O que há é que tenho um plano para o qual preciso da sua ajuda e da sua também, Jess."

Jess me levou até a pequena área de estar. "Então sente-se e conte tudo."

"Embora não quero interromper." Ocorreu-me que Trina poderia não ter muito tempo. O almirante tinha sua própria nave, apesar de ter passado tempo suficiente no solport para ter alojamentos aqui também. "Se você precisa fazer o vestido com pressa."

Trina bufou. "Como não é provável que participemos de jantares estaduais na próxima semana ou nas próximas doze, acho que temos tempo para ouvir o que a deixa tão

empolgada.” Ela e eu sentamos no sofá curto, mas Jess correu para a área de bebidas.

“Converse, Aja,” Jess disse, preparando uma bandeja de chá e alguns pequenos bolos de estilo arythiano que todas nós ficamos viciadas. “Antes de se colocar em trabalho de parto com toda a empolgação. Não sou parteira, mas acho que você deve relaxar um pouco.”

“Tanto faz.” Mas ela estava certa. “Você sabe qual é a data... Data da Terra, quero dizer?”

Trina deu de ombros. “Não, mas não estamos em nenhum lugar perto da Terra ou de qualquer outro planeta com um calendário, até onde eu saiba. Por quê?”

Jess colocou a bandeja na mesa baixa e redonda entre nós, serviu e passou as xícaras. “É seu aniversário? Se esquecemos, sinto muito.” Ela levantou o prato de bolos. “Lanche Scooby?”

Eu me assustei. “Não, mas desde que você mencionou, eu esqueci. Parece estranho que isso possa acontecer. Eu não gostava de festas, mas nunca tinha me esquecido de me reunir com amigos ou algo no meu aniversário...” Bem, não cometeria esse erro em um outro feriado. “Falta menos de uma semana para o Natal.”

Eu poderia ter jogado uma bomba para menos efeito.

Trina parou tão rápida que sacudiu a bandeja. “Natal? Já? Temos que fazer alguma coisa.”

“Sim.” Jess também estava de pé, com os olhos brilhando. “Devemos decorar!”

“Tenho a receita mais maravilhosa para biscoitos de açúcar,” Trina cantou. “Gostaria de saber se ele pode ser adaptado ao que estiver a bordo?”

Elas começaram a fazer planos para que um feriado que encerra todos os feriados. Uma maneira de trazer cor e sabor à vida dos arythianos e talvez ajudar a elevar até aqueles que não tinham companheiras e provavelmente não conseguiriam uma tão cedo, em um novo local de contentamento e alegria. Eu ainda estava sentada no sofá, virando a cabeça de um lado para o outro enquanto cada uma das minhas amigas disparava ideias uma para a outra. Estavam coradas e gesticulando, desenhando imagens no ar como se tivessem um bloco de desenho. Ou um holo pad. Essa era realmente uma possibilidade, mas elas estavam animadas demais para desacelerar o suficiente para pensar nisso, eu supunha.

Fiquei emocionada que elas quisessem participar, imaginando o feriado fantástico que teríamos. Todas as melhores partes do Natal e nenhum dos negativos. Sem compras, sem parentes loucos que você só via uma vez por ano, que apareciam apenas para ser deprimente e criticar a todos. Sem expectativas, porque ninguém além de nós e as poucas outras mulheres ouviram falar do Natal. Seria incrível, surpreendente.

Alegre.

“Isso tudo parece maravilhoso,” falei na primeira vez que elas pararam para respirar simultaneamente. “Será o melhor Natal do espaço de todos os tempos. As decorações de Jess, as guloseimas de Natal de Trina e as minhas... Minhas...” Inferno. “Não tenho nada para contribuir. Nenhuma coisa.” As mudanças de humor me carregaram para cima e para baixo tão rapidamente, indo do ápice para o abismo, e as lágrimas que se seguiram à queda surgiram nos meus olhos.

Trina e Jess congelaram, olharam uma para a outra rapidamente e caíram para me flanquear. Foi um aperto ali nas duas almofadas, mas elas estavam me abraçando de qualquer maneira, então ocupamos menos espaço.

"Não diga isso," Jess me disse, alisando os cabelos da minha testa. "O Natal foi idéia sua." Ela riu e deu um beijo na minha bochecha. "Bem, não o feriado, mas a nossa celebração."

"E quem sabe?" Trina entrou. "Tão grande quanto está, você pode estar trazendo um bebê para a festa. Quão apropriado."

"Ei!" Dei um tapinha no meu estômago. "Ressinto-me com esse comentário." Mas não pude deixar de rir também. "Ainda assim, no caso de o período de gestação de um bebê combinado humano-arythiano ser tão misterioso quanto acho, devo ter outra coisa."

"Sabe cozinhar?" Trina perguntou. "Talvez você possa fazer algumas tortas?" Como uma das outras mulheres grávidas, ela era a cozinheira hoje em dia.

Fiz uma careta. "Nada que alguém queira comer."

"E você não está em condições de fazer algo tão árduo quanto decorar..." Jess bateu um dedo no lábio inferior. A gravidez de Jess era mais sobre aninhar, algo em que ela já tinha feito, mas que fez em breve ultimamente. "Eu sei, você pode ser a rainha do Natal. Dessa forma, mesmo se você ainda estiver grávida, poderá governar os jogos, como algum tipo de deusa da fertilidade medieval ou algo assim."

"Acho que estamos misturando nossos feriados, mas sinceramente, quero fazer mais do que ser um peso. De fato, passar do estágio de peso é muito importante para mim aqui."

"Eu sei!" Trina se levantou de novo. "Como você está com canções de Natal?"

"Não posso tocar uma música, acho. Embora estive no coral da sexta série. Mas isso está longe de ser um ato solo. Acabava me misturando. Tentando não ser notada."

"Acho que poderíamos tentar montar um coral da equipe, mas você já ouviu a música deles?" Jess sorriu.

Trina estremeceu. "É muito bonita, mas dificilmente canções de natal são feitas. Ainda assim, se você não quer cantar sozinha, que tal encontrar alguém para cantar com você? Então é menos assustador?"

"Como quem?" Assim que falei, fechei minha boca. "Kalani. Você quer dizer Kalani."

"Exato." Trina levantou um holo e começou uma lista com a ponta do dedo. "Vou precisar falar com os cozinheiros e ver o que eles têm para adaptar para fazer biscoitos. Acho que precisamos de um jantar de Natal também."

Jess desenhou uma linha no meio do holo e escreveu *Decorações* no topo. "Deveria encontrar o que preciso nas lojas. Alguns tecidos e acabamentos farão ótimos decks de salão e..."

Enquanto elas continuavam seus planos, parecendo esquecer que eu estava lá, rolei de bruços e levantei. Demorou um pouco, mas minhas amigas estavam muito absorvidas para perceber, odiava evidenciar minhas dificuldades e implorar por ajuda. Não se houvesse escolha. Quando a parede se fechou atrás de mim, elas ainda estavam fazendo listas, cada uma em seu próprio mundo, o comitê de feriado perfeito.

Os aposentos de Kalani não estavam longe, então decidi continuar meu êxodo e ver se encontraria minha nova amiga

em casa. Ela era exótica e bonita, criada em um lugar distante, bem, como tudo, entre mulheres. Nós não tínhamos conversado muito sobre isso ainda, mas ela parecia muito feliz com seu Guryon, tanto um ícone em seu próprio caminho quanto o meu Vyraz. Guryon era um guerreiro de uma longa linhagem de guerreiros e Kalani estava grávida de seu filho.

Ela me cumprimentou com um sorriso reservado e adorável. “Bem-vinda, Aja. Por favor entre.” Percebi, que seus aposentos estavam agora um pouco mais brilhantes, sem dúvida graças à nossa Jess. “Posso oferecer-lhe chá?”

“Eu não deveria, mas com certeza.” Minha garganta estava um pouco seca, o ar a bordo costumava ter esse efeito, apesar dos constantes ajustes dos engenheiros ambientais para manter a umidade equilibrada para os dois tipos de passageiros.

Quando estávamos sentadas nas cadeiras combinando em frente à mesa, tomei um gole do chá e limpei a garganta. “Kalani, Jess, Trina e eu estamos planejando uma celebração e queremos convidá-la para ajudar.”

“Isso seria maravilhoso!” Ela encheu minha xícara, embora ainda estivesse quase cheia, mas Kalani sempre foi tão atenciosa com os outros. Ela disse que tinha sido ensinada a servir de onde veio. Ela tinha sido uma criada ou algo assim. “O que posso fazer?”

“Bem, você vê que é quase Natal...”

Ela assentiu, encorajando, mas sem dizer nada, e lembrei mais de sua vida antes. Às vezes, névoa cerebral maldita engolia detalhes quando precisava deles.

“Você sabe o que é o Natal?” Porque era uma grande coisa na Terra, não era?

Ela deu um pequeno aceno com a cabeça. “Na verdade não. Quero dizer, vi um vídeo na outra noite. Um velho barbudo que ajudou as pessoas a se apaixonarem... espere, vi dois assim. É um feriado de fertilidade? Tivemos alguns, mas a Alta Sacerdotisa tinha o papel. Talvez não do amor... Mas sexo.”

“Realmente? É tudo o que você sabe sobre o Natal?” Embora tivesse desenvolvido um aspecto mais secular para muitos na Terra, ainda havia uma história lá. “Sua ilha não tinha acesso ao mundo exterior, tinha?”

Ela encolheu os ombros. “Não no meu nível. Creio que a Alta Sacerdotisa e algumas de suas assistentes tinham algo, certamente conseguiram se comunicar com aqueles que vieram adorar ou queriam pedir bênçãos à Deusa. Mas o Natal é apenas uma palavra para mim. Exceto pelos vídeos de romance, é claro. Acho que isso vai ser divertido. Uma espécie de celebração para os novos casais também.”

“Bem, isso é basicamente o Dia dos Namorados, o feriado do romance, mas por que não? Esta é a nossa nova vida, e devemos poder celebrar como quisermos. Mas as meninas estão planejando decorações e guloseimas tradicionais e nos indicaram para o comitê de canções de Natal. Está dentro?”

“Certo.” Ela parecia intrigada. “Se você me disser o que é.”

“Vamos começar com a história do primeiro Natal. Não fui criada muito religiosamente, mas sei o básico. Pronta?”

“Adoro ouvir histórias.” Kalani recostou-se na cadeira com a xícara. “Por favor, compartilhe.”

“Bem, veja bem, alguns milhares de anos atrás, havia uma mulher chamada Maria, e ela estava grávida quando teve

que ir a Belém." Consegui um trabalho perfeito para mim, mas adorei a ideia de mudar as coisas para tornar a ocasião mais nossa. Gostaria de perguntar a Vyraz se eles tinham um festival no meio do inverno e quais elementos podemos incluir.

Assim que terminei de lhe contar a história, que demorou um pouco desde que ela tinha muitas perguntas, fomos ao quarto de Jess para compartilhar nossas novas ideias e planejar o melhor Natal humano-arythiano de todos os tempos.



Capítulo Cinco

Vyraz

Fui para nossos aposentos, meus passos pesados.

Apesar da nova na tarefa, levei a sério minha responsabilidade como companheiro. O costume arythiano dita que as mulheres obedeçam a seus companheiros e os considerem mestres. Mas meu papel no relacionamento também foi estabelecido por nossa sociedade. Como homem, era meu dever proteger minha companheira, amá-la, cuidar dela e de nossos filhos, dando minha vida por eles, se fosse o caso.

Embora ela ainda tivesse problemas de obediência de tempos em tempos, Aja tornava muito fácil cuidar dela. Seu espírito irradiava amor e calor. Ela se tornou uma verdadeira parceira em meu trabalho, compartilhando meu entusiasmo por desenterrar e preservar os segredos contidos em nossos antigos pergaminhos. E, embora eu nunca tivesse sonhado que teria filhos, sua excitação por dar à luz nosso filho era contagiosa. Até me peguei sonhando acordado em criar o pequeno Arconte, nutrindo suas habilidades e ajudando-o a aprender a controlar as incríveis habilidades com as quais ele nasceria.

Obviamente, não havia garantia de que nosso filho compartilharia meus dons. Nascer como Arconte era uma bênção concedida pelos deuses. Não seguia a linhagem, como uma primogenitura real. Meus pais, apesar de gentis e

amorosos, eram pessoas simples e trabalhadoras, admiradas com a criança mística que haviam produzido. Acho que eles ficaram um pouco assustados com a minha capacidade de ler seus pensamentos e deixar escapar previsões sobre o futuro, especialmente quando elas se tornaram realidade.

Sua decisão de me levar para a fortaleza no monte Eremus, quando eu era apenas um rapaz, tornou a vida de todos mais fácil. Eles me deram aos Sacerdotes para criar. Embora eu visitasse minha família com frequência, cresci cercado por outros arcontes que possuíam os mesmos dons, reflexos rápidos e força de um guerreiro altamente treinado, juntamente com a capacidade de um telepata de sentir tanto a alegria quanto a dor, sejam elas físicas ou mentais, daqueles que encontraram.

Era esse fardo pesando meus passos. Aja dependia de mim. Ela havia sido arrancada de seu mundo sem sua permissão, traída por seu próprio pai e governo. Dada como um objeto a seres alienígenas. Embora ela tivesse se aproximado das outras mulheres, eu sabia que era sua pedra, não apenas seu amante e seu protetor. Ela olhou para mim como seu melhor amigo. Normalmente calma, minha companheira confiou em mim para apoio emocional quando os hormônios da gravidez a desequilibraram.

E agora me ofereci para liderar uma missão que me tiraria daqui quando ela mais precisaria de mim. Não precisava das minhas habilidades como telepata para entender que como mãe pela primeira vez, ela estava assustada. Quão doloroso seria dar à luz?

Depois, havia todas as complicações arythiano-humano a considerar, aumentando mais a ansiedade. Como seria essa

criança alienígena de espécie mista? E se os cientistas estivessem errados e nossa espécie não pudesse se misturar com sucesso? A criança pode ser deformada de alguma forma, um monstro. Mesmo que fosse saudável e íntegra, como ela saberia o que fazer com um bebê? Ela perdeu a própria mãe em tenra idade e passou a vida cercada por adultos. Aja não tinha um bom modelo de pai, exceto seu pai egoísta e distante, que balançava sua linda filha e sua virgindade na frente de parceiros de negócios, planejando casá-la com quem iria avançar em sua carreira e engordar mais sua carteira.

Eu temia contar as minhas notícias.

"Adivinha?"

Ela me encontrou na porta, os olhos brilhando, cheios de emoção. Mesmo se não tivesse visto isso em seu rosto, poderia dizer que algo estava diferente, já que ela usava um lindo vestido longo em vez de sua saia quase transparente de sempre. Um tom suave de verde, destacou sua luminosa pele negra com perfeição. Fiquei impressionado mais uma vez com sua incrível beleza.

Peguei-a em meus braços e beijei. "Você parece o buscador que encontrou a ninfa mágica da madeira."

"Ninfa mágica da madeira? O que é isso?"

"Apenas um velho conto folclórico que ouvi quando criança."

"Oh, quer dizer como o que você me contou sobre a seasprite[1]?"

Ela tocou a delicada concha em uma corrente em volta do pescoço, o símbolo que lhe dei quando professei meu desejo de tomá-la formalmente como minha companheira, como era

[1] Seasprite: Significa concha/marinheira, apelido da Aja.

nossa tradição arythiana. Longe de ser uma bugiganga, a concha não tinha preço, a última do gênero no universo. Eu tinha desde criança. Aja não a tirou desde o dia em que recebeu. O vibrante rosa coral da concha destacava-se contra a pele de ébano de sua garganta, um lembrete constante para mim que sonhos e visões podem se tornar realidade.

"Você terá que me contar essa," ela continuou. "Comecei a colecionar contos de fadas. Trina e Jess disseram que as mães colocam os filhos à noite e contam histórias para dormir. As únicas histórias que conheço de cor são as da Ilíada e da Odisseia, não exatamente material infantil."

"Depois, meu amor. Primeiro me conte suas novidades."

"Teremos uma festa de Natal!"

Ela parou e me olhou, esperando. Eu poderia dizer que alguma resposta era esperada, mas não tinha ideia do que deveria ser. Era um campo minado que andava diariamente. Se eu não agisse suficientemente excitado, divertido, horrorizado, impressionado, ela poderia se dissolver em lágrimas.

Pela expressão dela, imaginei que o Natal não era uma coisa ruim, então procurei a resposta positiva genérica que ouvi suas amigas humanas darem umas as outras. "Uau! Realmente?"

Ela assentiu com entusiasmo. Dei um suspiro interior de alívio.

"Eu sei certo? Não é ótimo? Jess e Trina estão tão animadas! Perdemos a noção do tempo desde que estivemos no solport, mas hoje percebi que o Natal está a apenas uma semana de distância. Vamos fazer uma festa para todos. Decorações, comida e até biscoitos de Natal!" Ela deu

um tapinha na barriga. “Você vai adorar os biscoitos de Natal, querido. No ano que vem, você terá idade suficiente para experimentar um, contanto que seja um biscoito de açúcar macio.” Ela divagou. “Nossa, me pergunto se podemos fazer biscoitos de açúcar com gosto de biscoitos de açúcar? Alguns de nossos esforços para recriar nossos doces favoritos de casa falharam miseravelmente.” O rosto dela caiu. “Deus, sinto falta de chocolate.”

Os olhos dela choraram um pouco. Amaldiçoe essas mudanças de humor! Pensei que seria melhor desviar seus pensamentos do chocolate o mais rápido possível. Esse assunto parecia cheio de emoção. “Então o Natal é um feriado terráqueo? Parece delicioso.”

Ela me deu um sorriso triste. “Sinto muito. É a névoa do cérebro de grávida novamente. Esqueci que você não tem ideia do que é o Natal. Sim, é um feriado importante, provavelmente o maior do ano. Começou como uma observância religiosa, mas mesmo os incrédulos adotaram muitas das tradições. Acho que você gostaria de ver. Deixando de lado o comércio, há uma grande ênfase em compartilhar a paz e a benevolência com toda a humanidade, ou todos os seres sencientes, como você diria.”

“Gosto do som disso.” Vi minha abertura e a peguei. “Falando em som, também tenho algumas novidades para você.”

“Realmente? O que é isso?” Ela sorriu. Senti-me como um valentão prestes a roubar o brinquedo favorito de uma criança.

"Kalani fez um progresso incrível na comunicação com Callo. Ele está dando a ela informações relacionadas diretamente à referência antiga que você encontrou ao Rydek."

Aja assentiu. "Eu lembro. *E os dez chifres são da Besta e eles são o poder da Besta,"* ela citou. "Foi assim que seus ancestrais chamaram Rydek. A fera."

Eu me apressei. "Sim. É possível que a arma Rydek seja algum tipo de onda sonora destrutiva. Isso se encaixaria com o que Guryon experimentou quando localizou a nave e trouxe Callo de volta."

"Um verdadeiro avanço! Podemos fazer com que Larissa trabalhe imediatamente, fazendo referências cruzadas com guerra ou destruição nos bancos de informações galácticas."

"E isso me traz as minhas notícias. Você conheceu os guerreiros arythianos. Eles não são exatamente do tipo acadêmico de pacientes."

"Quer dizer como você é?" Ela brincou.

"Como *nós* somos." Dei um breve sorriso para ela. "Você nunca ouvirá um deles dizer o quanto gosta de passar horas debruçado sobre algum texto obscuro no laboratório, do jeito que você e eu. Eles desejam ação. Sem inimigo para atacar, não têm saída para o tremendo pesar e dor que ainda carregam."

Sua expressão ficou solene. Embora ela não pudesse ler mentes, minha companheira tinha se tornado adepta de reconhecer quando eu estava preocupado com alguma coisa, não importa o quão bem pensei que poderia esconder.

"Nós já tínhamos teorizado que o Rydek havia conseguido de alguma forma usar o som como arma," ressaltou. "Então... Quais são as suas notícias, Vyraz?"

"Tive que fazer algo pelas tropas. Sou o líder espiritual deles, responsável por seu bem-estar emocional, promovendo a paz e a benevolência que você mencionou. Sua raiva e dor já se voltaram para a depressão. É por isso que Mantsk tirou todas as cores do solport. Antes de Jess começar a trazer cores e vida de volta para nossa casa temporária, vivíamos em um mundo cinza. Tetos e pisos cinzentos, paredes cinza, móveis cinza, até nossas peles tinham uma palidez cinza."

Aja sabia que o tom de pele da nossa raça mudava com o nosso humor. Ela assentiu. "Alguns dos guerreiros ainda são um cinza opaco."

"Em nossa reunião, sugeri que o almirante Dylos estabelecesse uma missão de reconhecimento para procurar ondas sonoras incomuns que viajassem pelo cosmos e segui-las até sua fonte. Seis naves de cada vez, viajando em seis direções diferentes, com os comandantes e tripulações girando para que todos tenham a chance de sentir que estão fazendo algo útil."

"E se uma das naves conseguir rastrear o Rydek?"

"Se Deus quiser, antes que isso aconteça, teremos uma maneira de derrotar sua arma, ou pelo menos bloqueá-la."

"Mas agora, não temos defesa. Então essa missão pode ser mortal."

Nunca menti. Não para Aja ou para mais ninguém. Como Arconte, minha honra não permitiria.

"Sim, meu amor. É possível que se uma das naves encontrar o Rydek, possa ser destruída, junto com todos a bordo."

Vi o momento em que o reconhecimento apareceu. Seu lábio inferior tremia, mas ela ergueu os ombros, levantou o queixo e encontrou meus olhos. “Você está indo.”

“Ofereci-me para comandar uma nave na primeira missão. Não sou apenas o líder espiritual deles, Aja. Desde que era jovem, aperfeiçoei minhas habilidades em todas as formas de combate na galáxia. Combate à espada, também conhecido como Tridacian. Sou um 10 ° grau Paaliaq, possivelmente o último no universo agora que os outros Arcontes estão todos mortos. Em um momento ou outro, treinei quase todos os soldados da frota.”

Ela ficou em silêncio por um momento, absorvendo tudo.

“Quando você sai?”

“Em breve. Minha tripulação está conduzindo nossa nave através dos exercícios de pré-voo agora.” Minha voz suavizou. “Sinto muito, marinheira. Sei que prometi que estaria ao seu lado durante toda a gravidez, mas não sou apenas seu companheiro e o pai de nosso filho. Como Arconte, sou líder dos guerreiros.”

Sempre soube que Aja era especial, mas nunca havia percebido até aquele momento que sua pele negra e brilhante abrigava uma alma tão forte e corajosa quanto a do guerreiro mais poderoso. Esperei uma discussão. Protestos. Lágrimas. Em vez disso, ela me deu um sorriso que derreteu meu coração.

“Compreendo. Claro, você tem que ir. Seu código de honra é uma das coisas que mais amo em você. Isso e suas cabeças mágicas de pau. Mestre,” acrescentou ela, caindo de joelhos.

Seus dedos começaram a desabotoar as calças do meu uniforme.

"Deixe-me levá-la para a cama e dar um adeus adequado," falei.

Ela balançou a cabeça. "Ah não. Desta vez é a minha vez de deixá- *lo* selvagem. Quando estiver lá no espaço, senhor Arconte Gostosão, quero que se lembre do que estará perdendo se não voltar para casa. Além do mais..." Ela puxou meu pau para fora, colocou a palma da mão em volta do eixo e me olhou com um brilho travesso nos olhos. "Não estou me contentando com uma foda rápida. Você me deverá muito por partir em um momento como este!"

Gemi quando ela colocou sua língua talentosa para trabalhar, passando por cima de cada cabeça enquanto acariciava o tronco. Ela nunca chupou um pau antes do meu, mas no tempo que estivemos juntos se tornou uma especialista.

Uma por uma, ela levou cada cabeça aos lábios, girou a língua ao redor e depois passou para a seguinte. Provocadora e tentadora, construindo a febre no meu sangue até que cerrei minhas mãos em seus cabelos.

"Chupe," exigi. "Chupe todos elas."

Aja pegou a ponta que estava acariciando em sua boca e chupou com força, arrancando um gemido áspero do meu peito. Segurei sua cabeça imóvel e peguei sua boca, bombeando dentro e fora. Os dedos dela apertaram o eixo, movendo-se mais rápido.

"Sim, é isso. Chupe-me. E é melhor você fazer um bom trabalho, porque vou lhe pagar dobrando-a sobre a cama e

espancando sua doce e dura bunda gostoso e duro no minuto em que chegar em casa."

Ela estremeceu e soltou um pequeno gemido como quando está perto de gozar. Foi o suficiente para me enviar além do limite. Joguei a cabeça para trás e rugi quando a primeira cabeça jorrou jatos quentes de porra na garganta dela.

Ela engoliu cada gota, depois moveu a boca para a próxima cabeça e a seguinte. Amarrando-as com a língua, me levando a um clímax vicioso após o outro.

Eu a puxei para seus pés, minhas mãos ainda emaranhadas em seus cabelos. Puxei-a para perto e capturei seus lábios nos meus.

"Eu te amo, seasprite. E juro que voltarei para você."



Capítulo Seis

Aja

Tínhamos nos separado alguns ciclos solares mais cedo, meu Mestre e eu, e sentia falta dele mais do que jamais sonhei ser possível. Estávamos juntos dia e noite, ou o que quer que constitua esses momentos, apenas nos separamos quando ele foi para outra parte do solport, mas nunca até agora eu não poderia encontrá-lo se quisesse. E com o passar do tempo e à medida que nos aproximamos, procurei-o com frequência.

Um ser importante, ele não me afastou nenhuma vez, ou me disse que algo ou alguém tinha mais importância para ele. E bem, sei que ele poderia ter feito.

Até essa missão ele permaneceu no solport, embora eu tenha aprendido, para minha surpresa, que ele passou muito mais tempo a bordo da nave do almirante antes de me ter. Ele parecia tão confortável aqui, acomodado, mas Jess professou que muitas coisas haviam mudado. Como Sacerdote, inferno, o último dos Santos do seu povo, no passado, ele era um pouco distante, foi o que eu soube, passando muito tempo em meditação e interagindo apenas para dar conselhos ou treinar guerreiros.

Não como o homem que amo. Ele era digno, algo que eu respeitava muito, e realmente achei muito sexy. Mas ele também expressou seu carinho de mil maneiras. Passamos um tempo juntos em meditação silenciosa, geralmente nos jardins onde cultivavam as plantas de seu povo e também algumas das

minhas. Principalmente alimentos, batatas, pimentões, morangos. Não muitos, mas a presença deles tornou essa jornada um pouco menos estranha. Assim como o amor que descobri nos braços de Vyraz.

Sentávamos um de frente para o outro, de pernas cruzadas no solo de uma pequena colina coberta por um estranho crescimento violeta semelhante ao musgo, mãos unidas, encontrando uma profundidade de paz com a qual eu nunca sonhei no passado. Eu tinha um longo caminho a percorrer antes de alcançar sua profundidade de concentração, mas através dele pude experimentar um estado de calma, até alegria. Também visões, algumas bonitas, outras perturbadoras.

Vyraz explicou que tudo o que vimos não necessariamente aconteceria. Tudo o que acontecia, momento a momento, mudava o futuro. Então, em uma visão, vimos nossa família em um planeta de grande beleza, com árvores em todos os tons do arco-íris e dos mares para rivalizar com as que conheci na Terra. Altas montanhas cobertas de neve cintilante e vales verdejantes repletos de culturas.

No próximo, lançamos uma bola de fogo para a mesma superfície do planeta, destruída por nossos inimigos com o paraíso à nossa vista. Outros planetas também apareceram, em diferentes graus de habitabilidade, mas apenas um realizou todos os nossos sonhos.

Houve outras visões e sonhos, muitos outros, mas meu amor, meu Mestre, me garantiu que enquanto estivéssemos vivos, havia a esperança de encontrar o mundo que buscamos. Ele acreditava que, juntos, oferecemos ao nosso povo uma chance um pouco melhor. Ele era o Sacerdote, mas

eu era sua companheira e, como tal, ofereci a ele uma espécie de espelho. Ele explicou que enquanto Kalani também era visionária, por treinar e provavelmente ter filhos, como companheira dele eu tinha meu próprio status e força. Ele costumava dizer isso enquanto acariciava minha barriga e o desejo em seus olhos me dizia que meu Mestre rezava para que a criança fosse como ele. Em vez de um simples cruzamento humano/arythiano.

Eu também sabia que não era algo genético, mas um dom de seus deuses. Embalando minha barriga inchada, cantei para meu bebê, cantei músicas natalinas e de ninar e disse ao pequeno que não importa quem ele seja, ele seria bem-vindo e adorado. Por nós dois. Vyraz pode esperar por um Santo, mas quando pensou que eu estava dormindo sussurrou promessas para minha barriga de brinquedos, abraços e o futuro mais brilhante que poderia ajudar a criar.

Ele seria um pai amoroso para todo e qualquer bebê, ele ou ela, que os deuses escolherem nos enviar.

Eu me joguei nos preparativos de Natal, porque se não tivesse algo para me distrair não faria nada além de surtar. Eu tinha um grande respeito pela missão de Vyraz, pela bravura de todos os guerreiros que estavam lá fora, nas profundezas do espaço. Nosso filho cresceria sabendo que seu pai era alguém com quem seu povo poderia contar para guia-los nos piores momentos. Afinal, esse bebê seria meio arythiano. E não era como se eu pudesse levá-lo para casa na Terra para criá-lo.

Por que eu iria querer? Ter meu destino com esses guerreiros valentes e as mulheres que se tornaram suas companheiras, tinha mais honra, mais prazer e mais positividade do que qualquer coisa que meu pai planejou para

mim em casa. Posso ter começado como um peão, realmente não é diferente de como o querido Pai me usou, mas me tornei parceira de um homem digno do meu amor.

Não tínhamos garantia de que nenhum dos homens voltaria a tempo para o Natal, de fato, parecia provável que não. Mas se voltassem, eles se encontrariam em um país das maravilhas do inverno que venceria qualquer um que tenha visto em um daqueles filmes em que todos se chamavam Carol, Noel ou Kris, quem sabia que ele era filho do Papai Noel, Kringle. Com a ajuda de minhas irmãs, eu enfeitaria os corredores até que não aguentassem mais. Só o entusiasmo de Jess poderia fazer isso. Os antecedentes de Kalani não haviam realizado nenhuma comemoração de Yule, mas ela era uma elfa feliz para a senhora Noel que Jess era, buscando, carregando e ajudando a criar todos os muitos itens que nossa designer-chefe considerava necessários para um feriado alegre e feliz.

A falta de conhecimento de Kalani sobre as tradições gerais tornou suas contribuições peculiares e divertidas, mesmo ao seguir as instruções da nossa líder. Ela também teve a brilhante ideia de falar com os vários tripulantes sobre o festival de inverno em Arythios, pedindo aos cozinheiros que preparassem alguns dos itens alimentares populares na época, embora eles jurassem que nunca seriam tão bons sem alguns dos ingredientes que lhes faltavam.

E musicas. Trouxemos também a incrível Xia e Trina, e elas ensaiavam um tipo de coral para tocar as músicas das duas culturas na véspera de Natal. Nosso feriado simplificado, sem preocupações, porque não havia compras se tornou um trabalho de período integral. Estávamos nos aproximando do

evento e os efeitos estavam começando a se unir, o que foi maravilhoso.

As equipes no espaço, incluindo meu companheiro, provavelmente não estavam de volta para apreciá-lo. Vyraz insistiu que continuássemos, que o efeito na moral da tripulação era espantoso e que estaríamos juntos no próximo Natal, com o bebê em um de seus joelhos e eu no outro.

Uma família.

Coloquei minha tristeza e ressentimento por ele não estar aqui para embaixo e forcei um sorriso e uma atitude o mais animada possível, querendo representar o Arconte de uma maneira que ele se orgulhasse. Ele estava arriscando sua vida, o mínimo que eu podia fazer era passar bandejas de doces e espalhar a alegria do feriado.

Todas as coisas loucas estavam a todo vapor quando comecei a sentir o desconforto. No começo, apenas uma pontada, mas depois enquanto pendurávamos guirlandas de "fitas", tiras realmente tingidas destinadas a, bem, não me lembrava o quê, embora o oficial de quem pegamos tentou explicar, se tornou uma dor recorrente. Jess, abrigada nas proximidades, costurou os últimos galhos em uma árvore de Natal de algum tipo de tecido rígido destinado a escudos nos ônibus espaciais. Ela usou sua localização central para distribuir ordens às tropas. A versão arythiana de "Silver Bells" ecoou do outro lado do salão. Eu estava tentando não dobrar de tanto rir quando senti muito mais do que uma pontada de dor.

A primeira dor do parto me deixou sem fôlego. Apertei meus joelhos, lutando para respirar enquanto a dor terminava tão rapidamente quanto chegava. Eu me endireitei, olhando

em volta para ver quem poderia ter notado. Não seria bom parar todos os nossos preparativos no último minuto, todo mundo jogando tudo para se preocupar comigo.

Até eu sabia que os primeiros bebês geralmente levavam uma eternidade para chegar. Teríamos nossas festividades de véspera de Natal e teríamos um jantar de Natal antes que essa criança aparecesse. Além disso, não havia algum tipo de dores precoces que não significavam que o bebê estava chegando? Outras estavam grávidas há mais tempo do que eu, mas não estavam em trabalho de parto... Voltei a decorar, esperando que tivesse sido apenas um golpe de sorte, mas o segundo me deixou de joelhos e ninguém perdeu.

Jess estava de pé ao meu lado, arrastando vários fios e pedaços de tecido antes que eu pudesse lutar para levantar de novo. “Aja, é o bebê? Precisamos chamar o médico ou alguém.” Ela agarrou meu braço, mas Xia chegou do outro lado.

“O médico nunca trabalhou num parto, não é?”

“Talvez em seu treinamento?” Jess protestou. “Ele tem sido bastante útil até agora.”

“Ajudei vários bebês enquanto estava na tribo.” A voz de Xia era baixa e calma. “Enquanto as coisas correrem como devem serei capaz de trazer essa pequena pessoa ao mundo. Se você quiser que eu faça?”

Ofeguei, uma mão na minha barriga. “Sim, mas não vejo por que preciso parar de trabalhar agora. Se o bebê nascer quando estivermos prontos para comemorar, ficarei surpresa. Vamos apenas cronometrar as dores e ver?”

Pequeno, se essas são apenas falsas dores de parto, tente ficar confortável aí dentro, por favor? Até o papai chegar em casa? Ele vai querer cumprimentá-lo.



Capítulo Sete

Vyraz

"Senhor! Estamos captando ecos fracos ao longo da fronteira entre o vetor sete e o vetor oito."

Meus olhos abriram e caí no chão, descendo com força o suficiente para atrair um "uuh" simpático do tenente Adao. Descruzei minhas pernas e levantei.

"Sinto muito por incomodá-lo, senhor."

"Está tudo bem, tenente. Felizmente, minha bunda amorteceu minha queda." Adao era um dos guerreiros mais jovens, ainda admirado com minha capacidade de levitar durante a meditação. "Irei com você para a estação de rádio. Você pode me informar ao longo do caminho."

"Não são tantos sons que estamos captando como pulsos rítmicos, senhor," explicou enquanto eu caminhava pelo corredor, com ele seguindo um respeitoso meio passo atrás de mim. "É por isso que achamos que vale a pena rastrear. As ondas que viajam pelo espaço são normalmente espaçadas aleatoriamente, sem padrão discernível. Mas acho que não preciso lhe dizer isso," acrescentou.

O constrangimento irradiava dele. Ele estava ensinando o Arconte como se fosse o explorador espacial experiente e eu fosse o novo recruta. Eu não precisava das minhas habilidades empáticas para lê-lo. O rapaz era um livro aberto.

"Os outros membros da equipe sempre o convidam para se juntar a eles quando jogam yaqq, não é?"

"Sim, senhor, convidam," disse parecendo surpreso. "Mas não jogo com muita frequência. Não posso pagar. Sempre perco. Como você... Oh, desculpe, senhor. Nunca estive na presença de um Arconte antes. Esqueci que você sabe tudo."

"Dificilmente," respondi. "Mas tenho certas habilidades. Algumas delas são dons, mas outras são habilidades. Habilidades que podem ser aprendidas." Olhei para ele pelo canto do olho e suspirei. Certamente, ele não era um guerreiro. Ele parecia jovem demais. Mas então, hoje em dia, todos eles parecem. Este era um espécime físico de pico. Obviamente inteligente também ou não teria sido designado para o posto de serviço mais crucial em nossa nave. "Você nunca esteve em uma das minhas sessões de treinamento, não é?"

"Não senhor. Nunca tive o privilégio."

"Falando em yaqq, você telegrafa sua mão. Você também pode apenas passar seu dinheiro para eles. Um guerreiro nunca dá ao inimigo qualquer sinal de qual será seu próximo passo. Eu ficaria feliz em fazer algumas brigas individuais com você no seu tempo livre. Ensinar você a se esconder. Provavelmente também melhoraria suas chances de ganhar no yaqq," acrescentei.

"Treinamento pessoal do Arconte? Obrigado senhor. Seria uma honra."

Chegamos à estação de comunicação. As notícias se espalharam e quase todos os membros da nossa pequena equipe haviam se juntado.

"Status, comandante?"

A sala inteira chamou a atenção. Em vez de saudar, eles inclinaram a cabeça como um. Não me incomodei com a

tradicional saudação/bênção, apenas inclinando minha cabeça um pouco em reconhecimento. Ao contrário dos outros a bordo, eu não tinha uma classificação. Meu papel como Arconte tornou desnecessária a necessidade de me estabelecer na hierarquia militar.

"Arconte." O comandante Rhys se levantou e me ofereceu sua cadeira em frente à tela holo, onde faixas de cores pareciam distantes, ficando mais fracas à medida que se aproximavam de nossa posição na tela tridimensional. "Melhoramos as ondas para facilitar o rastreamento. Como você pode ver, as ondas ou pulsos para ser mais preciso, estão viajando ao longo desse limite. Mas já se espalharam tanto que agora é difícil dizer exatamente de onde se originam. A única coisa que podemos fazer é continuar em nossa trajetória de voo atual e mudar de rumo se os pulsos parecerem estar ficando mais fracos."

Levantei uma mão. "Dê-me um momento, comandante."

A sala ficou em silêncio. Fechei os olhos, abaixei todos os meus escudos e abri minha mente para o cosmos, algo que raramente fazia.

O ataque de impressões sensoriais me fez recuar na cadeira. Era como estar nu e indefeso na praia quando um tsunami me invadiu, levando consigo os detritos que havia varrido ao longo do caminho. Remanescentes de explosões cósmicas de galáxias inteiras colidindo umas com as outras, fragmentos de emoções de criaturas em mundos mortos há muito tempo, tudo isso carregava ondas invisíveis irradiando para fora em círculos cada vez maiores desde que o Universo surgiu.

A energia nunca poderia ser destruída. Apenas mudou de forma. A luz deu vida a vida. A vida terminou, descendo na escuridão. Sugado para buracos negros, onde se reunia, comprimindo-se em matéria tão densa que eventualmente explodiu, criando luz novamente. Todo o nosso universo estava correndo para um buraco negro, um tão vasto que estava engolindo tudo o que existia. Bilhões e bilhões de anos a partir de agora, o nada reinaria supremo por uma fração de instante. Então viria uma explosão tão deslumbrante que sua aura continuaria até o tempo cessar novamente.

E a eternidade começaria mais uma vez.

Não lutei contra o tsunami. Permiti que a corrente me varresse, levasse minha consciência com ela. Gradualmente, fui capaz de separar as impressões sensoriais que me bombardeavam.

Adao estava certo. Detectei uma corrente oculta, um pulso fraco, mas rítmico, quase abafado pelos gritos de mundos moribundos que o acompanhavam. Não eram gritos audíveis. Apenas os ecos de emoções tão poderosas que viveram muito depois dos seres que as geraram. Os pulsos irradiavam de outra coisa. Algo... Mal.

Eu acreditava no mal. Outra forma assumida pela energia, tão poderosa quanto a força da luz. O Rydek se alimentava de energia escura. Medo, dor, tristeza, miséria, tirava sua força deles.

Bloqueando a energia do mal, invoquei a força da luz, enchendo minha alma com ela. Então abri os olhos e examinei os rostos na sala. “Bom trabalho, homens. Acredito que o que você encontrou definitivamente são traços de nosso inimigo. Comandante, continue no seu cabeçalho

atual. Preciso retomar minha meditação, mas não hesite em me procurar imediatamente se algo mais acontecer."

Levantei-me e fui para a porta. "Bênçãos e paz para vocês e para todos os seres sencientes do Universo."

As palavras, usadas como saudação e despedida por um Arconte, me confortaram tanto quanto a tripulação. Não queria que eles vissem como eu estava abalado. O poder do mal carregado nessas ondas, por mais fracas que fossem, me chocou. Eu precisaria de uma longa sessão de meditação para voltar a um estado de paz e bem-estar.

Mas não era para ser.

Mal tinha me estabelecido no estado alfa quando senti outra presença entrando em meus aposentos. Sem me preocupar em abrir os olhos, perguntei. "Você tem novidades tão cedo, tenente Adao?"

"Não é o tenente Adao, Arconte."

Reconheci a voz mais profunda de uma vez. Se o comandante Rhys tinha chegado, o assunto deve ser de extrema importância. Tomando várias respirações de limpeza, retornei lentamente do plano astral e reentrei no meu corpo físico.

Rhys estava visivelmente perturbado, mas ele teve muitas aulas minhas, incluindo aquelas sobre encobrir os pensamentos e emoções. Eu poderia ter penetrado seu escudo facilmente, mas por respeito à sua patente, não fiz. Embora tenha ensinado bem meus alunos, eles nunca teriam as habilidades natas de um Arconte.

Eu me acomodei no chão, então descruzei as pernas e levantei para encará-lo. "Diga-me, comandante. O que está errado?"

Rhys hesitou. “É sobre Aja, senhor. Sua companheira.”

Resisti à vontade de agarrá-lo pelo pescoço e sacudi-lo até que contasse a notícia. “Sei que Aja é minha companheira, comandante. Por favor, continue.”

“Recebemos uma comunicação do solport. Aja entrou em trabalho de parto. Existem... Complicações. O almirante Dylos sugere que você volte o mais rápido possível.”

“Que tipo de complicações?”

“Não sei. Mas ele ordenou que eu abortasse nossa missão imediatamente.”

Abortar a missão? Dylos não teria dado a ordem de ânimo leve.

Meus anos de treinamento me abandonaram. Em um instante, eu não era mais um Arconte, um Sacerdote capaz de explorar uma fonte de serenidade. Pernas tremendo, caí na cadeira mais próxima. “Ele... Ele disse mais alguma coisa?”

“Só que sua companheira e seu filho precisam de você.”

“Com que rapidez podemos chegar lá?”

“Já dei a ordem para reverter o curso, Arconte. Estamos na velocidade sete e ainda acelerando.” Ele estendeu a mão e agarrou meu ombro. “Ela está em boas mãos, Vyraz. Nossos médicos estão com ela. Assim como as outras mulheres.”

“Nenhum delas nunca deu à luz,” rosnei. “É muito cedo. Pelos padrões terráqueos, ela tinha mais de uma lua até o nascimento do bebê.” Passei a mão pela testa e me recompus. Não há necessidade de matar o mensageiro. “Obrigado, comandante Rhys. Se não se importa, gostaria de ficar sozinho até chegarmos.”

Felizmente, Rhys não fez nenhuma pergunta ou ofereceu mais banalidades sem sentido. “Claro, Arconte.” Ele foi até a

porta, acenou com a mão para abri-la, depois parou e se virou. “Bênçãos e paz para você e para todos os seres sencientes do Universo.”

***

Não tenho ideia de quanto tempo levamos para voltar ao solport. No minuto em que Rhys saiu, entrei em um estado delta, me projetando para onde estava minha Aja. Tentei enviar-lhe mensagens de conforto e amor, mas elas foram bloqueadas pela parede de dor agonizante que a separou de mim. Passei o resto da viagem andando de um lado para o outro nos meus aposentos, incapaz de descansar.

Dylos e Mantsk estavam me esperando quando chegamos.

“Como ela está? Como está o bebê?”

Mantsk balançou a cabeça. “Ela ainda está em trabalho de parto.”

“Leve-me até ela. Agora.”

“Ela nos disse para não levar. Ela está preocupada sobre como você vai lidar com isso,” respondeu Dylos.

Eu o empurrei de lado. “Desde quando um homem arythiano recebe ordens de sua companheira?”

Eles correram atrás de mim enquanto eu invadia o labirinto de corredores e seguia para o nível em que meus aposentos, não, *nossos* aposentos, estavam localizados. Levantei a mão e acenei a porta.

Nossa cama foi puxada para o centro da sala. Aja reclinou-se ali, meio sentada, meio deitada, apoiada em travesseiros nas costas. Um lençol cobria a maior parte de seu corpo, mas as partes que podia ver estavam encharcadas de

suor. Ela soltou um gemido, inclinou-se para frente e segurou a barriga.

Ignorando todos os outros na sala, corri para ela, peguei sua mão e cambaleei de volta quando uma explosão de agonia embalou meu âmago.

Ela me olhou, olhos vidrados de dor. “Eu te amo, Vyraz, mas você tem que sair. Você é um telepata. Não pode estar comigo agora. Estamos muito próximos. A dor... Se eu morrer, você também pode morrer.”

Ela pegou minha mão, levou-a aos lábios e beijou-a, depois virou-se para as fêmeas agrupadas ao seu redor. “Tire-o daqui,” murmurou entre dentes.



Capítulo Oito

Aja

Eu o mandei embora porque não podia suportar que ele sentisse algo como a agonia do parto. E ele teria experimentado tudo isso comigo. Entendia e torci para que ele soubesse que eu não o culpava. Os machos arythianos, como os humanos, geralmente estariam presentes para o nascimento de seus filhos e, na maioria dos casos, não teriam mais desconforto do que as unhas de suas companheiras cravando a palma da mão. Mas a telepatia do Arconte se estendia muito além disso, e acreditava que ele experimentaria minha agonia pelo menos tão fortemente quanto eu, enquanto também se preocupava. Era pedir demais a alguém.

E uma vez que Xia declarou que o bebê estava chegando, manter os médicos sob controle foi jogado fora. De qualquer maneira, tudo tinha ido bem porque Mantsk rejeitou a ideia e insistiu não apenas no médico que visitei durante a gravidez, mas também no assistente dele e no médico pessoal do almirante. Por que eu não podia simplesmente dar à luz como uma pessoa normal? Isso também era um presságio para as outras mulheres? Os bebês eram todos mais ativos do que já ouvimos falar, mas, como entendemos que as mulheres arythianas davam à luz da mesma forma que os humanos, esperávamos pelo menos trabalhar a posição com o bebê de cabeça para baixo na maioria dos casos.

E isso poderia ser verdade, talvez eu apenas tivesse que ser diferente.

À medida que as dores se intensificavam, eu alternava entre gritar pelo meu mestre e gritar que ninguém deveria contar a ele sobre a situação. Deixe que ele salve o universo e depois volte ao encontro do bebê.

Mesmo que esse parto me matasse.

Faria isso pela minha família.

Em resposta à oração, as dores desapareceram por um tempo, me fazendo pensar que eu ficaria bem, que eu aguentaria o feriado e não arruinaria o tempo de todos, mas o interlúdio só durou até eu ter minha cabeça no travesseiro para dormir e depois voltar com intensidade, deixando bem claro que não havia alarme falso. Quando se aproximavam cada vez mais, chamei Xia e ela me examinou e chamou os médicos. As outras mulheres logo a seguiram.

E Dylos mandou chamar o Arconte. Provavelmente porque eles não achavam que eu sobreviveria e ele poderia querer dizer adeus. Implorei para que não o fizessem, o trabalho dele era muito mais importante que o meu desconforto.

E apesar das minhas exigências e eles não o deixarem entrar na sala, ele não se conteve, empurrou todos para o lado e agarrou minha mão. O suor escorria pelos meus olhos, meu corpo estava atormentado por contrações tão próximas que eram quase uma longa agonia abrasadora, e ele recuou com um suspiro.

Ele sentiu isso. Não... Nós não precisamos sofrer assim. “Eu te amo, Vyraz, mas você tem que sair. Você é um telepata. Você não pode estar comigo agora. Estamos muito

próximos. A dor... Se eu morrer, você também pode morrer. E nosso filho crescerá sem pais."

Beijei sua mão e depois me virei para as outras mulheres. "Tire-o daqui," falei. Embora as palavras me fizessem mais mal do que o próprio parto. Esperei até que ele se fosse antes de acrescentar. "E agora tire esse bebê de mim. Se houver uma escolha, salve meu filho."

Eles se apressaram para me garantir que nenhuma escolha precisaria ser feita. Que nós dois estaríamos bem e viveríamos uma vida longa, mas meu corpo me disse o contrário e podia sentir a angústia do meu bebê.

Os médicos conversaram entre si, fazendo planos para me levar à enfermaria e fazer uma cesariana, mas Xia se colocou entre eles e eu. "Nunca fui uma parteira de verdade, mas entre as tribos, toda mulher aprende a dar à luz. E raramente existe um hospital ou médico por perto para ajudar. Antes de operar, deixe-me tentar colocar o bebê em posição."

Eles discutiram com ela, mas assim que a dor mais recente diminuiu o suficiente para eu ter ar para falar, eu o fiz. "Deixe ela tentar. O bebê deve vir agora. Não me pergunte como sei, mas quando você me levar para a mesa e me abrir, será tão angustiante que poderá não sobreviver." Eu não era uma telepata, mas essa criança... Era. *Aguente firme, querida. Nós cuidares de você.*

Para minha surpresa, os médicos concordaram. Aparentemente, havia até o momento apenas homens no mundo das mulheres, mesmo em Arythia, e enquanto eles queriam me ajudar, sua experiência limitada e preocupação com o primeiro filho nascido desde que o mundo

foi destruído os levaram a se afastar de uma mulher que alegou que sabia mais.

Ela provavelmente sabia.

"Xia, faça o que você precisa, mas se apresse, por favor. O bebê está..." Não morrendo, ainda não, mas a genética estava confundindo, o caminho não era o mesmo que as fêmeas arythianas cujo corpo estava preparado para a diferença. Não conhecia todos os detalhes, mas sabia que precisava de ajuda. "Xia!"

Ela virou-se para mim, séria, mandíbula apertada, mas os olhos se estreitaram em foco. "Salvei outras cujos bebês não sabiam a saída. Você vai ficar bem, irmã. Todas nós iremos." Entendi o que ela quis dizer. Que toda essa geração pode ter problemas semelhantes, e o que ela aprender me ajudando, pode lhe permitir ajudar todas as outras. E se eu não conseguisse, ela poderia usar o conhecimento para elas.

"Se não ficar, se você não puder... Não conseguir guiá-lo da maneira regular, faça o que for necessário. Meu bebê significa muito mais do que eu, tanto para o seu povo quanto para mim. Salve meu filho."

"Deite-se e tente ficar parada por um tempo enquanto faço o que preciso. Você pode gerenciar ou preciso que alguém te segure?"

"Não se arrisque. Segure-me."

Antes que os médicos pudessem se mover, as outras mulheres seguraram meus braços e pernas, uma na minha cabeça, me prendendo no lugar para o que viria a seguir.

Meu bebê viveria, dane-se, se eu vivesse ou não. O Arconte não poderia sofrer outra perda e sobreviver.

Capítulo Nove

Vyraz

"Você tem que dar crédito ao velho. Ele a engravidou em tempo recorde." Não reconheci o orador, mas, pela aparência, ele tinha visto mais do que algumas batalhas ao longo dos anos.

"Velhote? Parece melhor que o almirante Dylos. Quantos anos tem ele?" Isso veio de um dos jovens.

"Ouvi falar das proezas de Vyraz como um grande guerreiro quando estava na escola militar, e tive a sorte de participar de algumas de suas sessões de treinamento ao longo dos anos. Ele pode parecer em boa forma, e os deuses sabem que ele ainda pode jogar qualquer um de nós no tatame em tempo recorde durante uma sessão de sparring, mas ele tem que ter idade suficiente para ser meu pai, se não o pai de meu pai."

"Entre, Arconte. Sei que não bebe muito, mas confie em mim, em um momento como esse, você precisa de algo mais forte do que uma xícara de chá." A voz de Dylos saiu da porta quando ele me levou para o salão principal. Tinha certeza de que ele tinha feito isso para alertar os palestrantes e me salvar do constrangimento, porém, da essência das observações, era ele quem havia sido menosprezado.

Sempre um local popular, o salão estava transbordando. Olhei ao redor da sala. Tantos rostos familiares. "Todas as missões foram canceladas?"

"Não canceladas, mas temporariamente interrompidas," disse Dylos. "Chamei todos para casa, para a celebração."

Eu o encarei sem expressão.

"Aquela coisa terráquea. Natal, acho que é assim Trina chamou." Ele acenou e notei as decorações de cores vivas, muito focadas na minha mulher e no bebê antes. "Ela, Jess e as outras têm trabalhado sem parar para transformá-lo em um feriado conjunto. Misturando tradições de alguns de nossos dias especiais com os delas." Dylos abaixou a voz para que só eu pudesse ouvir. "Pensei que nossos guerreiros precisavam de uma celebração. Algo para aumentar a moral."

Com tudo o que aconteceu, eu tinha esquecido o anúncio de Aja logo antes de sair sobre as mulheres planejando um Natal. "Claro. Uma decisão sábia, almirante." Os guerreiros tinham razão em votar nele como aquele que lideraria nossas tropas. Não apenas um estrategista brilhante, Dylos realmente se importava com seus homens.

Mantsk já havia se sentado em uma mesa grande e acenou para nós. "Por aqui. Ignore esses bobos. Eles estão com ciúmes porque vocês dois estão recebendo boceta e eles não." Ele gesticulou para Guryon e Joran ao seu lado. "Nós, futuros pais, precisamos ficar juntos."

Futuro pai? Minha companheira estava lutando por sua própria vida e pela vida de nosso filho ainda não nascido, e apesar de todos os meus poderes como Arconte, não havia nada que pudesse fazer por ela. Pelo que vi e senti do que Aja estava passando, no próximo sol, eu poderia não ser um companheiro, muito menos um pai. Nunca me senti tão impotente. Ou tão assustado.

"Confie em mim," disse Mantsk, como se fosse ele quem pudesse ler mentes. "Já passei por isso antes. As fêmeas são muito mais fortes do que você pensa. Elas estão fazendo isso desde sempre. Dar à luz teria qualquer guerreiro nesta sala chorando e implorando. Mas elas não apenas passam por isso, mas a maioria das mulheres decide fazer isso de novo. Graças aos deuses. Caso contrário, nenhum de nós estaria sentado aqui agora."

Mantsk. Um bom homem. Ele já havia passado por isso antes. De todos nós ao redor da mesa, ele era o único que tinha sido pai. Conheci sua adorável companheira, Sadia, uma vez. Ela e os dois filhos tinham sido a luz da vida dele. Ele estava sempre nos presenteando com as últimas notícias de seus filhos e suas realizações. Sua tristeza, quando soube da destruição de nosso mundo, tinha sido terrível de se ver. Tinha que ser difícil para ele estar aqui, revivendo as horas antes de seus filhos nascerem. No entanto, aqui estava ele, oferecendo seu apoio. O mínimo que pude fazer foi não adicionar à sua dor.

Eu me sentei ao lado dele. "Lamentando e chorando, Mantsk? Você quer dizer como quando eu te coloco de bunda no ringue abu aka?"

Os outros responderam com vaias e zombarias. Nas próximas rodadas de cerveja drkiriana, a conversa consistiu principalmente em insultos, como as sessões de vínculo com homens desde tempos imemoriais.

Como Dylos observou, eu não bebia muito. Aprendi desde o início que, seja em uma luta de boxe ou em uma batalha completa, a ressaca dava aos meus oponentes uma vantagem

decisiva. Eu provavelmente não daria voz às minhas preocupações se não estivesse em um estado de espírito calmo.

"Algum de vocês está preocupado... Se serão bons pais?"

Guryon assentiu. "Deuses, sim. Meu pai era um tirano, um bastardo frio e duro. Como todos sabem, eu venho de uma linha lendária de guerreiros. Meu pai tratou sua família como tropas sob seu comando. Todos vivíamos com medo dos tempos em que ele chegava em casa das missões. Era esperado que seguíssemos a linha e lhe desse uma obediência instantânea e inquestionável. Não havia tolerância para a rebelião juvenil em nossa casa." Ele levantou a caneca e a drenou, depois a colocou sobre a mesa com um baque. "Meu maior medo é que acabe agindo como ele na primeira vez que meu filho fizer algo errado."

"Meu pai também era um guerreiro," disse Dylos. "Mas ele não trouxe esse papel para nossas vidas. Ele sempre arranjava tempo para mim quando estava em casa. Íamos acampar, só nós dois. Caminhar para algum local remoto, pescar a ceia e cozinhar em fogo. Ficávamos deitados sob as estrelas, e ele me contava histórias sobre todos os mundos estranhos e maravilhosos que vira. Foi aí que me apaixonei por explorar o cosmos."

"Meu pai era meu herói," disse Joran. "Pensei que ele era o guerreiro mais corajoso e forte que já viveu. Ele começou a me ensinar a empunhar uma espada larga quando eu mal era grande o suficiente para levantá-la. Mas me ensinou outras coisas também. Vi-o ficar acordado a noite toda uma vez para cuidar de uma jabala ferida que encontramos na floresta. Era apenas um bebê. Ele rasgou uma tira da camisa e a molhou em água morna com mel adicionado a ela. Então aquele cara

durão embalou a pequena criatura em seus braços e deixou a coisinha chupar. Levamos para casa e ele cuidou da saúde. Acho que ele tinha lágrimas nos olhos no dia em que a soltou na floresta."

"Ele te ensinou a lutar, mas junto com isso, ele te ensinou a ter respeito por toda a vida," ressaltou Mantsk. "Não há maneira certa de ser pai," ele continuou, se dirigindo a mim. "Toda criança é diferente e todas elas têm necessidades diferentes. Você vai cometer sua parte dos erros. Seja severo demais com eles algumas vezes, deixe-os escapar com brincadeiras outras vezes." Ele sorriu e seus olhos ficaram enevoados. "Algumas das minhas melhores lembranças são aquelas em que me juntei à minha criança em uma pequena travessura inofensiva."

"Ok, deixe-me ver se eu entendi." Levantei a mão e comecei a marcar pontos nos meus dedos. "Ser duro, mas não muito duro. Passar algum tempo juntos, um a um. Ensinar a lutar. Ensinar a respeitar todas as coisas vivas. Descobrir quais são suas necessidades especiais. Agir como uma criança com ele às vezes. Fornecer um lar para ele e sua mãe, com muito para comer e um lugar seguro para descansar a cabeça à noite. E no meu tempo livre, encontrar uma maneira de salvar a galáxia de uma força indescritivelmente maligna, determinada a destruir tudo o que encontrar." Eu suspirei pesadamente. "Do jeito que parece, ser um Arconte, responsável pela saúde espiritual e emocional de toda a raça arythiana, é mais fácil do que criar um único filho."

"Há apenas uma necessidade que todos eles têm em comum," disse Mantsk. "E é a necessidade de ser amado. Incondicionalmente. Diga aos seus filhos que você os

ama. Mostre a eles seu amor. Às vezes, isso significa ser o vilão que estabelece as regras e distribui as consequências por quebrá-las. Lembre-se: dar limites às crianças e depois reforçá-los é outra maneira de mostrar amor."

Ele me deu um tapa no ombro. "Você vai ser um ótimo pai, Vyraz. Só não tenha medo de descer do seu trono de vez em quando e admitir quando estiver errado."

"Outra regra para lembrar? Estou sem dedos." Gemi e enterrei meu rosto nas mãos.

Perdido em autopiedade, levei um momento para perceber que a sala ficou em silêncio. Levantei a cabeça. Um dos médicos da nave estava vindo para a nossa mesa. No meu estado emocional, não conseguia ler sua expressão, muito menos seus pensamentos.

"Arconte? Por favor, venha comigo."



Capítulo Dez

Aja

Elas me prenderam, minhas irmãs, as companheiras da maioria dos oficiais mais importantes da força espacial arythiana. Elas me seguraram com mãos de ferro enquanto Xia trabalhava para mover o bebê para uma posição em que pudesse nascer em segurança. Já estava com tanta dor, se você tivesse perguntado, eu teria dito que era impossível doer mais. Mas quão errado estaria. Seu aperto firme na minha barriga inchada e em convulsão cavou minha carne.

Mordi o lábio, tentando não gritar, tentando não me debater, tentando não fazer nada para prejudicar meu bebê quando o tempo era tão curto. Mesmo agora sua voz estava mais fraca. Ela... Uma filha. Xia agarrou a protuberância na minha frente e deu um puxão forte, e meu grito veio do meu interior. Se eu tivesse algo no estômago, teria vomitado em todo mundo, tão gentilmente me segurando no lugar.

Houve um momento de silêncio então, como se ninguém respirasse, e outro grito porque, aparentemente, eu era uma daquelas mulheres que todo mundo no hospital sabe que está dando à luz e não me importava, acompanhou a contração mais forte até agora. Mas não era o mesmo tipo de dor. Em vez de natureza horizontal, agitei-me sob a agonia insuportável de uma chama que dispara diretamente para baixo. Tudo mudou.

"Acho que você pode me soltar agora, por favor," ofeguei, e quando o fizeram, levei meus joelhos até o peito e os separei, largos, apertando-os com força. "Tenho que empurrar!"

Os médicos se aproximaram, com o rosto pálido, os olhos arregalados, mas Xia os empurrou em direção à porta. "Isso é assunto de mulheres. Ela vai ficar bem agora." As outras formaram uma linha entre os machos e minha cama, de braços cruzados. "Vão."

"Eu deveria examiná-la", protestou o médico de Dylos. "E se algo estiver errado? Nós seremos responsáveis."

Jess acenou com a porta. "Você pode esperar no corredor, mas se o companheiro dela não está aqui, nenhum outro homem estará. Não está certo."

Mais uma vez, vi sinais de sua cultura, sua separação entre homens e mulheres. Na Terra, os médicos teriam se mantido firmes. Talvez as mulheres em questão tivessem obrigadas. Mas o homem arythiano, aqueles que seriam nossos mestres, e de certa forma eram, tinham muito respeito por nosso sexo. Eles recuaram e a parede voltou a brilhar entre nós. Então as outras cercaram minha cama, pegando minhas mãos, mas não em contenção. Elas ofereceram conforto e encorajamento enquanto eu fazia o trabalho de trazer uma criança ao mundo. Talvez não o mundo como eu cresci para conhecer, mas o mundo em que sua mãe e seu pai moravam por agora.

Enquanto me abaixava, ofegando e gemendo, ela se moveu através do canal do parto um pouco de cada vez. Podia sentir tudo isso. E doeu. Muito. Mais do que muito, mas, da maneira mais estranha, foi bom. Produtivo. Antes da mudança de Xia, eu estava lutando para fazer o impossível. Agora,

estava ajudando uma filha a nascer. Para isso, traga o que for preciso. Tive um pensamento fugaz sobre o tamanho e a forma do bebê. Eu me perguntei se usaria fralda um menino com um pênis como o do pai dele ou como um homem da Terra, mas quando minha filha se aproximou alguns centímetros de deixar meu corpo, de repente percebi que nunca tinha visto uma mulher arythiana.

"Como ela será?"

"Ela? Pensei que você não sabia o sexo?"

"Eu não sei." Também não esclareço. "Mas o que você acha das garotas arythianas? Elas têm alguma diferença que não sabemos?" Senti como se isso fosse algo que deveria ter perguntado a alguém antes. Para estar preparada. Caramba, eles eram alienígenas. Eu tinha visto uma foto? Não conseguia lembrar. Tudo doía, estava sendo esticada e não tinha ideia do que poderia estar por vir.

Jess acariciou meu cabelo suado da minha testa. "Isso importa para você?" Ela beijou minha bochecha. "Seu bebê será sua querida, mesmo que tenha nadadeiras."

"Você acha que ela poderia ter? Nadadeiras, quero dizer?"

Xia bateu no braço de Jess. "O que você está tentando fazer? Claro que ela não terá nadadeiras. Se as fêmeas vivessem no oceano, como qualquer um que tem nadadeiras, como ela acasalaria com um cara que mora em terra?"

"Ela poderia ter chifres ou talvez pele de cobra."

"Kalani!" Xia latiu. "De onde você está indo com essas coisas?"

"Bem, ela poderia."

Ouvi minhas amigas listarem todas as coisas que poderiam ser diferentes das humanas sobre meu bebê, mas

nada do que elas disseram fez a menor diferença. Minha filha poderia ter qualquer uma dessas qualidades, e eu a adoraria. Eu já a adorava.

A contração mais forte até agora ocorreu naquele momento, e minhas risadas de todas as ideias que as meninas estavam tendo fugiram, substituídas pela determinação. Objetivo. “Ela está vindo agora.” Abaixei, gemendo. “Argghhh.”

Todas se fecharam ao meu redor, torcendo por mim, respirando comigo, acariciando meus braços, e um momento depois, Xia gritou. “Ela está coroando, mais um grande empurrão”.

Xia estava certa. “Eu... Acho... Que... Ela está... Presa.” Junto com meu coração na garganta. A transpiração escorreu pelo meu rosto, picando meus olhos, e meu cabelo estava grudado nas minhas bochechas. Eu estava espalhada para qualquer um que quisesse olhar, mas não poderia ter me importado menos. “Deveríamos ter deixado os médicos operarem.”

“Oh infernos não.” Xia, de pé entre as minhas pernas. “Ninguém fica preso aqui, mas ela é uma coisinha pesada.”

“Você. Não está. Ajudando,” ofeguei.

“Uau, tentáculos na cabeça,” Jess disse, tendo abandonado seu posto ao meu lado para dar uma olhada.

“Não faça isso com ela!” Kalani balançou a cabeça. “Não é divertido.”

“E pele de cobra era?”

A única coisa que as impediu de mais um ataque de loucura foi o grito de uma mulher empurrando uma pessoa

inteira para fora de seu corpo. E ela era um bebê robusto. Mas assim que passamos dos ombros, ela deslizou direto para as mãos de Xia, que a envolveu em um cobertor e a enxugou.

"Você conseguiu." Jess voltou a me beijar na bochecha, uma mão acariciando sua própria barriga inchada. "Você é uma estrela do rock. O primeiro bebê a nascer a bordo do solport e bem a tempo para o Natal."

"Aqui está sua garotinha." Xia a trouxe para mim. "Abrace-a por um minuto e diga a ela quem é sua mãe, e depois a limparemos para o papai."

"Olá, linda." Eu a abracei. "Esta é a mamãe do lado de fora. O que você acha? Foi uma jornada difícil chegar aqui? Você é maravilhosa!" A examinei, do topo da cabeça coberta com cachos escuros e molhados até o nariz de botão, ela tinha exatamente o mesmo número de dedos das mãos e dos pés que eu. E também como pai dela, de modo que provavelmente não foi exagero. Ela era dourada, em algum lugar entre nós dois em cores, e absolutamente perfeita. Finalmente, entreguei-a a Kalani, que havia preparado um pequeno banho de bebê.

"Ela quer dar o melhor de si para conhecer o papai. Não é toda garotinha que conhece o Arconte em seu primeiro dia no solport, você sabe."

"Alguém diga aos médicos que estão do lado de fora do corredor para chamar o Arconte," Jess disse, curvando-se perto do meu bebê e cheirando. "Ah, aquele cheiro doce de bebê."

"Sim, eles também podem fazer algo útil." Xia estava orgulhosa como um pavão e com razão. Decidi que ela seria a madrinha do bebê. Mas olhando ao redor da sala para todas

com seus rostos sorridentes, sua alegria pela minha família, decidi que todas seriam. Nos contos de fadas, as princesas tinham muitas madrinhas e essa princesa não merecia menos.

Quando a porta abriu para revelar o Arconte, minhas amigas me deram um banho de esponja, me vestiram com uma camisola fresca, escovaram meu cabelo, o trançaram sobre um ombro e colocaram nossa filha nos meus braços.

Ele hesitou, como se não tivesse certeza de que seria bem-vindo, mas com um olhar final para mim, as outras saíram, Jess dando uma pequena cutucada no Arconte. A porta fechou, deixando nós três sozinhos.

"Olá, Mestre," falei. "Venha conhecer nossa garotinha. Ela está muito animada por conhecê-lo."

"Er, ela parece estar ocupada."

"Ela está almoçando, mas você pode dar uma olhada." Acariciei suas bochechas com um dedo. "Ela é uma garota tão inteligente, já descobriu como mamar."

Ele finalmente se aproximou de nós e ficou observando-a mamar. Então seu olhar se voltou para mim. "Ela é o bebê mais lindo de todos os tempos. Ela tem seu cabelo."

Eu ri. "Estou feliz. As mulheres arythianas têm cabelo?

"Na maioria das vezes, sim, mas não como o seu." Ele descansou a palma da mão em cima da cabeça dela. "Sedoso como o da mãe dela."

"Estou tão feliz," falei. "Mas não pedi para eles te afastarem da sua missão. Era muito importante."

"Nada é mais importante que este momento. Pensei que você tinha algum tempo ou não teria ido. Dylos teria me desculpado."

Bocejei. "Sinto muito, estou com tanto sono."

Ele sentou na beira da cama. “Acho que nossa filha também.” Ela parou de mamar e deitou com uma bolha de leite entre os lábios. E ela estava corada de rosa.

“Vyraz, ela puxou você. Olhe para a cor bonita dela depois de comer.”

“Uma verdadeira dama arythiana.” Seu sorriso para nós duas aqueceu meu coração. “Posso segurá-la?”

“Mmhmm. Talvez sentar na cadeira e conversar com ela enquanto descanso um pouco. Sei que não é a melhor boas-vindas eu desmaiar.”

“É quase Natal. Descanse um pouco.”

Meus olhos semiabertos abrem o resto do caminho. “Ah não. Amanhã é véspera de Natal.”

“As outras mulheres vão preparar as coisas, se houver um centímetro desta nave sem algo já pendurado.”

“Não é isso. Mas e o Papai Noel? Não a esperava tão cedo, ou teria uma meia pendurada para ela.”

Ele estava sentado na cadeira, mas olhou para cima. “Você tem todas aquelas meias pequenas para ela.”

“Isso é diferente. Na véspera de Natal, o Papai Noel enche uma grande meia com brinquedos e coisas para todas as crianças, e não temos uma! O que faremos?”

Sua expressão continha a seriedade de um dos Sacerdotes discutindo a vontade dos deuses quando disse. “Você preparou todo o resto e me deu como grande presente este anjo. Cuidarei do Papai Noel.”

“Claus. Papai Noel. Mas obrigada. Decidimos não fazer o Natal comercial onde todos compravam presentes, mas isso não conta para as crianças.”

“Nossa filha não quer nada. Mas farei tudo para mantê-la segura e dar-lhe um mundo sobre o qual crescer grande e forte.”

“Isso faz com que uma meia pareça sem importância.”

Ele balançou o bebê dormindo e derreteu meu coração ainda mais. “As tradições de nosso povo nunca serão sem importância.” Sua voz tornou-se severa. “Incluímos presentes. Não tente nos negar o prazer de dar as nossas companheiras.”

Bem, talvez algumas coisas não devam ser mudadas.



Capítulo Onze

Vyraz

"Bem-vinda ao mundo, pequena." Embalando minha linda garotinha perto do coração, olhei profundamente em seus brilhantes olhos verde-azulados. Então quase a deixo cair, chocado, quando ela respondeu.

Não da maneira tradicional. As palavras 'Olá, papai' não passaram pelos lábios dela. Mas sua consciência, sua *alma* alcançou a minha e nos unimos. Pela primeira vez desde a destruição do nosso mundo, eu estava na presença de outro Santo.

"Você é uma Arconte!" Sussurrei, impressionado. "A primeira Arconte feminina na história da raça arythiana. Os deuses a abençoaram com um som incrível. Sou seu pai. Também sou um Arconte. Podemos nos conectar com outros seres de uma maneira especial, entender suas alegrias, tristezas, sonhos e medos."

"Você não entende o que isso significa agora," continuei, "mas estarei aqui para guiá-la, ensiná-la, ajudá-la a aprender a usar seu dom para fazer o bem aos outros, e acima de tudo, para amar você."

Era véspera de Natal, e nos juntamos aos outros no salão principal para celebrar nosso primeiro feriado conjunto arythiano-terráqueo.

Peguei o bebê para que Aja pudesse comer algo. Eu a segurei sem jeito, com medo de machucá-la. Ela era tão

pequena. Também não sabia o que dizer, mas Mantsk havia me dito que era importante conversar com uma criança. Ele disse que ela reconheceria minha voz porque a ouvira quando estava no ventre. As habilidades parentais estavam além do meu conhecimento ou experiência, mas ela examinou meu rosto com aqueles enormes olhos brilhantes o tempo todo, e parecia estar ouvindo atentamente.

O salão principal nunca pareceu tão festivo. Guirlandas coloridas pendiam por todas as paredes e se enroscavam na direção da coisa mais próxima de uma árvore que eu tinha visto fora das pequenas em nossos canteiros de jardim desde que saímos de casa. E parecia uma árvore kreista, que ficava verde o ano todo e os pássaros geralmente se aninhavam. Como a kreista, pássaros coloridos decoravam os galhos, pequenos ninhos escondidos dentro, junto com outros adornos, mas a ideia estava lá. As varas listradas vermelhas e brancas dobradas no topo e amarradas com fitas vermelhas, os pássaros são como os de casa...

As fêmeas haviam criado uma verdadeira mistura de nossas culturas para celebrar suas férias de inverno e as nossas. Os deuses realmente sorriram para nós quando as enviaram para o nosso caminho, mesmo que tivesse passado por um canal pouco apropriado. No final, sorrisos estavam por toda parte e planos feitos para acordar as últimas das mulheres para seus companheiros. Numa época em que encontrássemos nosso mundo, talvez pudéssemos encontrar uma maneira melhor de obter mais delas. Todos os guerreiros ansiavam por família. Pelo que nossas companheiras nos disseram, nem todas as mulheres na Terra estavam em boas circunstâncias. Algumas viriam se fizéssemos um convite?

"Você é uma garotinha tão sortuda. Você tem uma ama maravilhosa para amar e cuidar de você." Fiz uma pausa e levantei minha filha mais alto. "Ouça. Você ouviu isso? Isso se chama música. Suas tias estão cantando canções de Natal."

Nossas mulheres se reuniram e decidiram que não queriam que seus filhos fossem criados sem nenhum vínculo familiar. "Toda criança precisa de alguém que a mime," Jess me disse. "Alguém que aparece na sua festa de aniversário com o presente que você tanto queria, mas sua mãe disse que não compraria porque era muito caro ou que você ainda não tinha idade suficiente para isso. Alguém que te envergonha batendo palmas mais alto do que qualquer outra pessoa na sua peça da escola. Nossos filhos não terão avós e avôs que costumam desempenhar esse papel. Então, todas concordamos que seremos o grupo de tias mais amoroso e carinhoso que qualquer criança já teve!" O bebê de Jess provavelmente nasceria em breve, assim como o de Trina. Os deuses também lhes dariam dons especiais?

Nunca tinha ouvido a música antes, a saga de um grupo de terráqueos viajando com frio intenso e rindo o tempo todo, embora eu não tivesse certeza do motivo. Parecia bastante desagradável. Mas a música tinha uma melodia alegre e um coro emocionante sobre sinos repetidos após cada verso.

Embora os guerreiros reunidos ao redor delas também não soubessem as palavras, eles rapidamente pegaram o refrão e se juntaram. Pude entender por que eles acharam isso mais atraente do que as músicas mais suaves que as mulheres estavam cantando antes. Isso me lembrou de uma de nossas canções sobre bebidas aryithianas, especialmente aquele grito

no final onde eles normalmente teriam juntado suas canecas e as jogado sobre a mesa.

Dylos estava certo. Nossos homens precisavam disso. Uma verdadeira celebração, com amigos reunidos cantando canções, relembrando momentos felizes, compartilhando uma refeição composta por pratos favoritos da infância e novas iguarias exóticas da cultura terráquea.

Também adotamos um de seus costumes, a troca de presentes entre companheiros. Escolher itens para as nossas mulheres era fácil, pois elas haviam chegado com nada além de roupas no corpo. Aprendi desde cedo a ficar longe de qualquer coisa relacionada ao vestuário de Aja. Embora eu achasse que suas novas curvas a faziam parecer mais bonita, sabia que ela tinha consciência do peso que ganhara durante a gravidez. Então fiz para ela um par de pulseiras para pendurar nos buracos em suas orelhas. Aros finos de ouro amarrados com contas de cristal que refletiriam qualquer luz que os atingisse, enviando raios multicoloridos dançando pela sala. Planejei entregá-los a ela mais tarde, quando finalmente estivéssemos sozinhos.

Outros também tinham presentes para as mulheres. Haki, nosso chefe de cozinha, adorou-as quando apresentou um prato cheio de doces em forma de disco, cravejados com pedaços de alguma substância marrom.

“Ai meu Deus! São biscoitos de chocolate?” Trina gritou. Ela mordeu um e seu rosto se iluminou. “Haki, você é demais! Não sei como você fez isso, mas encontrou algo que definitivamente passará por chocolate, especialmente quando estou desesperada tarde da noite.” Ela torceu o braço em volta

do dele e o levou embora. “Precisamos colocar nossas cabeças juntas. Você já ouviu falar em manteiga de amendoim?”

Com os gritos dos guerreiros ainda ecoando nas vigas, Kalani nos puxou para o lado. “Olá, pequena Hope,” ela cantou. “Vyraz, juro que ela está seguindo tudo o que está acontecendo! Você pode ver nos olhos dela. Muitos bebês foram trazidos ao templo para receber bênçãos, mas nunca vi um recém-nascido tão alerta e interessado em seu entorno.”

Acariciei o rosto da minha filha com a ponta do dedo. “Também achei. Mas não tenho experiência com crianças, então não fazia ideia de que era incomum.”

Kalani sorriu. “Ela é muito especial. Mas isso não é surpreendente. Ela tem um pai muito especial e uma ama,” acrescentou ela. “Vyraz, preciso falar com você sobre algo.”

Afastei minha atenção da minha alerta, inteligente e linda filha Archon. “Por favor, diga o que está pensando.”

“É Callo. Tenho contado a ele sobre o Natal. Sobre a celebração, as tradições, a história do menino Jesus. Ele quer se juntar a nós. Ele ainda tem um presente para o novo bebê. Para todos nós, na verdade. Você acha que tudo bem se o trouxer? Estou preocupada com o modo como os guerreiros o tratariam.”

Kalani se uniu à criatura, uma espécie alienígena de um mundo além dos vetores que havíamos explorado na galáxia. Embora Callo não pudesse ouvir ou falar, ela encontrou uma maneira de se comunicar com ele através de um idioma que eles desenvolveram juntos. Passaram horas inventando movimentos dos dedos e das mãos que substituíram as palavras faladas.

"Por favor, convide-o para entrar. Ele será bem-vindo aqui. Você tem minha palavra."

Ela inclinou a cabeça. "Obrigada, Arconte."

Fui para o centro da sala e levantei minha voz levemente de seu tom suave normal. "Posso ter sua atenção, por favor?"

Eu poderia muito bem ter soado um alarme estridente. Todo o som cessou imediatamente. Música, conversas, até o tilintar de canecas. Todos os olhos na sala focaram em mim. Às vezes era bom ser o Arconte.

"Quero agradecer à minha companheira, Aja, e às outras mulheres terráqueas por todo o trabalho e esforço que fizeram para compartilhar suas belas tradições de férias conosco. O Natal é uma celebração de paz e boa vontade para com os outros. Nesse espírito, junte-se a mim para dar as boas-vindas a um convidado muito especial, alguém que nos forneceu uma ajuda inestimável na luta contra o inimigo comum. Kalani, você vai acompanhar Callo?"

Ela estava esperando nos fundos do salão principal. Ao meu sinal abriu a porta para Callo, depois caminhou de braços dados com ele para se juntar a mim no centro da sala.

Abri os braços, palmas abertas e estendi para fora em boas-vindas. "Bênçãos e paz para você, Callo, e para todos os seres sencientes do Universo."

Não via a criatura há um tempo, e fiquei surpreso com o quanto sua aparência havia mudado. Não mais magricela e frágil, ele ficou de pé, com os ombros para trás e a cabeça erguida. Seu pelo tinha crescido exuberante e grosso, cobrindo seu corpo com uma crina dourada que havia sido escovada até brilhar. Embora ele não tivesse nariz e orelhas, os quentes

olhos castanhos faziam seu rosto parecer atraente. Ele levantou os braços e as mãos fluíram em um gesto complexo.

"Callo agradece e pede aos deuses que também os abençoem," traduziu Kalani.

Ele fez outra série de gestos. "Ele oferece seus parabéns pelo nascimento de seu primeiro filho e pede aos deuses que lhe concedam uma vida longa e feliz."

Estendi a mão. "Obrigado, Callo."

Ele a agarrou, os dedos tremendo, e senti a onda de emoções complexas fluir através de mim. Ninguém imaginaria o quanto ele estava assustado e ansioso por entrar nesta vasta câmara cheia de guerreiros cuja única missão, não muito tempo atrás, era caçá-lo e causar vingança nele pela destruição do mundo deles. Junto com isso, senti sentimentos de orgulho por ser recebido como igual, de alegria por ser incluído em uma ocasião feliz. Ele estava sozinho e isolado por tanto tempo, primeiro pelo Rydek, depois por nós. Eu tinha vergonha de não ter estendido a mão para ele antes.

"Callo tem nos observado praticar nossas canções de Natal," disse Kalani. "Expliquei a ele que a música é uma grande parte da celebração do Natal e nosso mundo tem muitas músicas especiais para marcar a ocasião. Falei sobre como trocamos presentes também."

Ele se virou para Kalani e fez outra série de gestos graciosos.

"Ele tem um presente para o seu bebê, para todos nós. No espírito de paz e benevolência, ele gostaria de nos honrar com uma sinfonia que criou que chama de 'A música do universo'."

Sinfonia? Como uma criatura incapaz de ouvir cria música?

"Callo tem trabalhado muito em seu presente. Ele pede que o acompanhemos ao compartimento de carga para que possa nos mostrar."

"Por favor, diga a ele que agradecemos e teremos o maior prazer. Venham todos." Embora meu tom fosse jovial, esses guerreiros me conheciam há tempo suficiente para perceber que era uma ordem, não um convite. "Tragam sua bebida preferida," acrescentei antes de qualquer resmungo, "para que possamos relaxar e apreciar o concerto."

Virei para Aja e coloquei Hope em seus braços. Então levei as duas, liderando o caminho.

Demorou um pouco para transportar toda a multidão para o porão de carga. Kalani obviamente passara algum tempo vasculhando o conteúdo daquilo que ela e as outras mulheres chamavam de "o shopping da galáxia", também conhecida como nossa baía de armazenamento, adornando o espaço cavernoso escuro com milhares de luzes cintilantes. Era como se estivéssemos sob um vasto dossel de estrelas. Ouvi "oohs" e "aaahs" de Jess e Trina.

Quando todos entraram, Callo deu um passo para frente e fez uma reverência. Então ele subiu uma pilha de caixas. Seus dedos se moveram tão rápido que eram um borrão quando começou a puxar os fios que ele amarrara pela sala.

Ruídos altos de staccato ressoaram através da enorme câmara. Delicado, como o som de pequenos sinos. Antes que os ecos desaparecessem, ele se moveu para outra parte da baía, puxando outros fios que faziam um zumbido profundo.

Em instantes, parei de assistir Callo, que voava pela baía como um louco, e simplesmente me deixei experimentar a música. Kalani disse que chamou de sinfonia. Mas foi mais do

que isso. Os sons não apenas nos cercavam. Eles nos envolveram. Penetraram em nós, então as vibrações ressoaram em nossos próprios ossos.

Eu me perguntava como alguém surdo poderia criar música. Agora entendi. Ele não precisava ouvir do jeito que eu. Ele *sentia* isso. As notas altas flutuando em suas veias, as profundas e vibrantes vibrações ressoando em seu peito. Sons dolorosamente bonitos acariciando sua pele como o toque suave de um amante. Para Callo, a música não exigia audição. Foi uma experiência sensorial total. Não sei como ele fez isso, mas juro que pude *ver* as notas altas que tocava, brilhando na escuridão como estrelas distantes.

Aninhada em meus braços, Aja ficou sem palavras. Surpreendido. Senti nossa filha se mexendo e movi a mão para incluí-la em meu abraço.

Seu punho se abriu e enrolou em volta do meu dedo em resposta. Sua pequena mão apertou a minha. Então, aceitando. Tão confiante.

Durante meses, estive preocupado em ter um filho. O que sabia de ser pai? Mas naquele instante, todas as minhas dúvidas e medos desapareceram.

Minha filha não apenas apertou meu dedo. Com um simples gesto, ela alcançou meu peito e capturou meu coração.

Epílogo

Vyraz

Perdi toda a noção do tempo. A música de Callo fluiu sem problemas, combinando passagens assustadoramente delicadas com sons que aumentavam e explodiam. Ele contou a história do universo sem uma única palavra. Senti as violentas explosões que criaram galáxias inteiras, os primeiros movimentos fracos da vida emergindo em mundos invisíveis. O início brilhante de estrelas distantes e depois a tristeza à medida que sua magnificência diminuía lentamente.

Quando acabou, deixei Aja e Hope com Jess e pedi a Kalani que me levasse a Callo para que pudesse falar com ele.

Ele caiu em uma caixa de madeira. Ofegando pesadamente, encharcado de suor. Eu não fiquei surpreso. Ele colocou todo o seu ser nessa performance.

“Mostre-me como dizer 'obrigado'.”

Kalani juntou as mãos, estendeu a mão e depois as levou ao peito e inclinou a cabeça.

Eu me virei para Callo e repeti o gesto. “Por favor, diga a ele que estou humilhado por sua incrível performance. Os deuses o abençoaram com um presente incrível, como nunca vi antes.”

A boca de Callo se curvou em um sorriso. Ele me deu o gesto de agradecimento, mas uma onda de tristeza saiu dele quando inclinou a cabeça no final.

“Estou sentindo uma profunda tristeza dele agora,” disse Kalani.

Ela passou alguns momentos em comunicação silenciosa com a criatura, depois assentiu e voltou-se para mim.

“Callo diz que durante a maior parte de sua vida, a música que ele é levado a criar tem sido mais uma maldição do que uma bênção. O Rydek invadiu seu mundo quando ele era muito jovem. Eles olharam para a raça dele e...” Ela parou. “Não temos uma palavra para o que o povo chama a si mesmos. Eles não usam uma linguagem falada, então é mais um zumbido.”

Ela estava assinando enquanto falava para que Callo pudesse acompanhar. Quando ele começou o zumbido baixo e ressonante, fiquei chocado. Nunca o ouvi emitir um som.

“É isso aí,” disse Kalani.

Os sons profundos e retumbantes que vinham de seu peito eram tão assustadores quanto sua música. “Os vibratos,” declarei. “É assim que chamaremos o seu povo, com a permissão dele,” acrescentei. Ele foi incapaz de descrever seu mundo bem o suficiente para que pudéssemos identificar sua localização ou inventar o nome para ela.

Tentei duplicar o zumbido e fui recompensado por um leve sorriso de Callo.

Kalani continuou. “Os Rydek destroem qualquer mundo civilizado que encontram. Mas o povo de Callo viveu uma vida simples. Eles consideram toda a vida sagrada, por isso são vegetarianos. Construíram pequenas aldeias e subsistiram principalmente de plantas que cultivavam junto com nozes e bagas que reuniam na floresta. Os Rydek pensaram que a raça de Callo era ignorante. Nenhuma ameaça para eles. Então, em

vez de aniquilar todos os seres de seu mundo, escravizaram o povo. Não os tratava melhor do que animais mudos, adequados apenas para o trabalho mais baixo e sujo. Tarefas que eles nem queriam atribuir aos seus robôs. Callos está separado de sua família desde a invasão. A música tem sido seu conforto, um elo à sua herança. Quando ficou mais velho, ele começou a compor peças cada vez mais complexas nas poucas horas de tempo livre que tinha, inventando instrumentos para tocá-las. Bateria, dispositivos simples de cordas. Qualquer coisa que produzisse vibrações ele poderia sentir."

Peguei outra onda de tristeza de Callo, com uma corrente de dor. Fui até ele, coloquei a mão em seu ombro. Enviei conforto e paz à sua alma. Ele cobriu minha mão com a sua e deu um suspiro profundo.

"O Rydek odiava a música dele e sempre que o pegavam tocando, confiscavam o instrumento e o puniam. Mas Callo foi levado a continuar por uma força que ele não entende."

Callo assentiu vigorosamente e começou a assinar.

"Ele diz que a música cresce dentro dele até que esteja pronta para nascer. Ele não podia mais mantê-lo trancado, assim como Aja não poderia manter Hope dentro de seu corpo para sempre."

"Quando ele experimentou o protótipo do instrumento que tocou para nós hoje à noite, o Rydek ficou louco. Para eles, as vibrações que produziram a música que achamos tão bonita eram tão dolorosas quanto os sons que transmitiam são para outras formas de vida. Eles não apenas o puniram. Eles o colocaram em uma de suas naves de extermínio e o enviaram para uma missão suicida."

A voz de Kalani quebrou. “Eles acorrentaram essa criatura gentil e o sentenciaram a uma morte horrível. Sozinho no abismo frio e escuro do espaço, sem comida. Sem água. E o pior de tudo, o conhecimento em que a espaçonave estava, aniquilaria mais seres inocentes - e não havia nada que ele pudesse fazer para impedir isso.”

“Mas ele pode!” Joguei meus braços em torno de Callo. Como um louco, o levantei do chão e o girei. “Isto é fantástico. Diga a ele que ele conseguiu! Ele encontrou a chave para conquistar o maior inimigo que nossa galáxia já enfrentou.”

Kalani pareceu confusa por um momento. Então ela começou a assinalar rapidamente, traduzindo. “O Arconte diz que você descobriu o segredo para acabar com o reinado de terror do Rydek. É a sua música. As vibrações que produz. Callo, você é um herói!”

“Diga a ele que precisamos da ajuda dele. Se ele estiver disposto a trabalhar com nossos cientistas, acho que podemos encontrar uma maneira de revidar. Com sua habilidade e conhecimento, podemos criar um dispositivo que derrotará o Rydek e salvará bilhões de seres sencientes. E é tudo por causa de seu dom, a música do universo.”

Virei para Callo, juntei as mãos, estendi-as em sua direção, depois as trouxe ao meu peito e inclinei a cabeça. “Obrigado, meu amigo.”

* * *

Já era tarde quando voltei para nossos aposentos. Passei pelo salão principal pelo caminho, onde um punhado de guerreiros um pouco embriagado ainda estava comemorando.

Nosso quarto estava escuro, iluminado apenas pelo brilho suave de cristais que Jess havia colocado aqui e ali como luzes da noite. Aja estava enrolada debaixo das cobertas, com a pequena Hope aninhada na dobra do braço, profundamente adormecida. Tirei a roupa silenciosamente e deitei na cama ao lado delas.

Aja abriu os olhos e sorriu. “Olá, meu amor,” ela sussurrou. “Você teve uma boa conversa com Callo? Espero que tenha agradecido a ele por todos nós. Nunca ouvi nada tão bonito. Que dom maravilhoso!”

Eu a beijei gentilmente. “Mais maravilhoso do que você pode imaginar! Com a ajuda dele e o nascimento do primeiro membro de uma nova geração neste Natal, acho que meu povo pode ter um futuro, afinal. Vou lhe contar tudo de manhã.”

Aja colocou um dedo nos meus lábios. “Eles não são seu povo. Eles são *nosso* povo. Graças a este lindo pequeno ser que criamos, somos todos um agora. Reunidos pelo destino, unidos pelo amor.”

Passei meu braço em volta das duas.

“Eu sou o ser mais sortudo do universo. Tenho uma preciosa nova filha e uma companheira que não é apenas bonita, mas incrivelmente sábia. E amável.”

“Não se esqueça de sexy como o inferno!”

Eu sorri para ela. “Oh, não esqueci. Assim que você se recuperar completamente, terei a pequena Hope dormindo seu próprio quarto. Ainda lhe devo uma boa surra!”

"Oooh! Adoro quando você fica autoritário." Ela se aconchegou perto e deitou a cabeça no meu ombro. "Este foi o melhor Natal que já tive."

"Meu também."

Ela me fez um beicinho brincalhão. "Fácil para você dizer. É o seu primeiro Natal de todos os tempos."

"Com muito mais por vir. E eles vão melhorar e melhorar. Confie em mim. Sou o grande e místico Arconte. Eu sei essas coisas," acrescentei com uma voz profunda.

Ela riu baixinho. "Feliz natal, meu Arconte."

Eu a abracei, meu coração tão cheio de amor que pensei que fosse explodir e enviei uma oração silenciosa de agradecimento aos deuses.

"Feliz natal para você, marinheira."

